

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES
CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA PLENA

JOSÉ OTAVIANO DA SILVA JUNIOR

ANÁLISES ESTÉTICAS DO RAP: A ARTE GENUÍNA E SEU PAPEL NA
EMANCIPAÇÃO HUMANA

Maceió / AL

2022

CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA PLENA

JOSÉ OTAVIANO DA SILVA JUNIOR

**ANÁLISES ESTÉTICAS DO RAP: A ARTE GENUÍNA E SEU PAPEL NA
EMANCIPAÇÃO HUMANA**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à
Universidade Federal de Alagoas – UFAL, do
curso de Filosofia Licenciatura Plena – Noturno,
como requisito total para a obtenção de
diploma para licenciamento em Filosofia.

Maceió / AL

2022

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586a Silva Junior, José Otaviano da.
Análise estéticas do rap : a arte genuína e seu papel na emancipação humana / José Otaviano da Silva Junior. – 2022.
62 f.

Orientador: Artur Bispo dos Santos Neto.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. – Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 60-62.

1. Rap (Música). 2. Arte. 3. Estética. 4. Realidade. 5. Marxismo. 6. Emancipação (Filosofia). I. Título.

CDU: 111.852

JOSÉ OTAVIANO DA SILVA JUNIOR

**ANÁLISES ESTÉTICAS DO RAP: A ARTE GENUÍNA E SEU PAPEL NA
EMANCIPAÇÃO HUMANA**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à
Universidade Federal de Alagoas – UFAL, do
curso de Filosofia Licenciatura Plena – Noturno, como
requisito total para a obtenção de diploma para
licenciamento em Filosofia.

Aprovado em ___ de ___ de _____. BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Artur Bispo dos Santos Neto
UFAL

Prof. Dr. Mayk Andrade do Nascimento
UFPB

Msc. Jorge André Paulino da Silva
UFPI

Maceió / AL

À memória de Leonardo
Romero “Mazela”, meu
querido amigo. Sebastião,
meu tio. Saudades eternas.

AGRADECIMENTOS

Ao Hip-Hop, por ter salvo a minha vida e ter dado um sentido a ela. Se não fosse o Hip-Hop eu jamais sonharia estar aqui.

Ao professor Artur Bispo, pela orientação e suporte para a realização desse trabalho, e principalmente por ter acreditado que eu seria capaz de realizá-lo. Por toda solidariedade e compreensão no momento que eu mais necessitei. Além de professor, um grande camarada.

A todos os professores e professoras que me ajudaram de alguma forma na graduação, me mostrando que eu não estava tão errado quando decidi seguir em frente e continuar estudando.

Ao professor Alexandre Torres, que mesmo descobrindo que eu estava faltando à aula para trabalhar como motorista, não me reprovou e me ensinou muitas lições importantes sobre a filosofia e a própria vida.

A todos os coletivos de Hip-Hop de Alagoas e todas as pessoas que fazem parte da cultura popular.

Aos companheiros e companheiras do Cepa Quilombo. Jacintinho, minha segunda casa,

A Jorge Andre, um amigo que a vida me deu. Obrigado por topar fazer parte desse momento tão importante e por todos os ensinamentos. Sua palavra vale um tiroteio e muita munição.

A Mayk Nascimento, por topar fazer parte da banca, mas principalmente por mostrar que era possível, que a gente do rap pode chegar longe. Além de um grande amigo, uma referência. Máximo respeito.

Aos coletivos que faço parte, Cia Hip-Hop e Febre do Rato Produções e todos os integrantes que estiveram junto comigo nessa caminhada.

A DJ ASB, que me colocou na cultura Hip-Hop e me deu a chance de fazer aquilo que eu amo. Salve meu DJ.

A Renato Peixoto, pela amizade, pelo skate e pelo Família das Ruas. Sempre será meu irmão.

A Geysom Santos, por todas as conversas, ensinamentos e todas batalhas de rima que perdeu para mim nos ensaios.

A Josian Paulino, por acreditar em mim como profissional e por acreditar na força da coletividade.

A Elizeu Salazar, por acreditar nas minhas loucuras e por todas as conversas sobre a vida. Anos luz de amizade meu querido. Você merece o mundo.

A Saulo Santiago pela amizade, pelo respeito, pela paciência nas gravações e por acreditar no meu talento.

Gabriel Santos, por ter acreditado no meu trabalho, pelas cervejas e conversas sem sentido. Ainda me deve uma caixa, quando vier para Maceió, pague.

Aos trabalhadores e trabalhadoras do restaurante universitário.

Ao projeto Erê e toda a sua equipe, por me dar a grande oportunidade de ser um educador e ser humano melhor. Amo aquelas crianças e amo ser parte de algo tão importante para o mundo como o projeto Erê.

A equipe da Coordenação de Assuntos Culturais da UFAL, por me acolher de braços abertos e me dar a oportunidade de aprender muito com vocês. A CAC é show.

A minha mãe, Maria Madalena, por tudo que fez por mim e pela minha saúde. Você demorou a se acostumar, mas agora serei filósofo de fato.

A meu pai, que teve seus erros, mas também seus acertos. A vida é melhor quando a gente tá de coração limpo.

Ao amor da minha vida, Vitoria Elisabeth, por toda paciência, apoio e carinho ao longo de todos esses anos. Aquela que fez do meu peito um carnaval.

A todos que não estão aqui, mas que de alguma forma fizeram por onde serem respeitados e considerados por mim. Gente que acredito, gosto e admiro.

*“O caminho da felicidade ainda existe
É uma trilha estreita em meio a selva
triste ”*

(Racionais MC's - Vida loka parte II)

RESUMO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como proposta fazer uma análise do gênero musical rap, a partir de uma perspectiva da estética: ramo específico da filosofia, que tem em seu propósito o estudo das artes. Para realização deste trabalho, condicionei um caminho criterioso para a análise do meu objeto de pesquisa, partindo de duas estéticas que dialogam entre si e se complementam; a estética de Hegel e a estética marxista do filósofo húngaro György Lukács. A partir dessa análise estética do rap, pretendo trazer alguns questionamentos pertinentes ao gênero musical. Buscando responder se o rap pode ser considerado uma genuína forma de arte, como também se daria a constituição de uma genuína obra de arte a partir das reflexões realizadas na estética hegeliana e na estética marxista. Buscarei também analisar a relação do rap com a realidade objetiva, a partir do conceito de “realismo” (ENGELS, 2010) e do “reflexo estético” (LUKÁCS, 2018) da realidade objetiva. E por último, pretendo analisar as possibilidades que podem ser vislumbradas para a emancipação humana a partir da arte, e qual seria o papel dela nesse processo, principalmente do rap como objeto estético.

Palavras-chave: Rap, arte, estética, realidade, marxismo, emancipação.

ABSTRACT

This Course Completion Paper (TCC) has as a proposal to make an analysis of the rap musical genre, from an aesthetic perspective: specific branch of philosophy, which has in its purpose the study of arts. To accomplish this work, I have conditioned a careful path for the analysis of my research object, starting from two aesthetics that dialogue and complement each other: Hegel's aesthetics and the Marxist aesthetics of Hungarian philosopher György Lukács. From this aesthetic analysis of rap, I intend to bring some pertinent questions to the musical genre. I will try to answer if rap can be considered a genuine form of art, and also how would the constitution of a genuine work of art be based on the reflections made in Hegelian aesthetics and Marxist aesthetics. I will also seek to analyze the relationship between rap and objective reality, based on the concept of "realism" (ENGELS, 2010) and the "aesthetic reflection" (LUKÁCS, 2018) of objective reality. And finally, I intend to analyze the possibilities that can be glimpsed for human emancipation from art, and what would be its role in this process, especially rap as an aesthetic object.

Keywords: Rap, art, aesthetics, reality, Marxism, emancipation.

SUMÁRIO

1. Introdução	11
2. Capítulo 1 - O rap como forma de arte	14
3. Capítulo 2 - Rap: a arte enquanto manifesto por um humanismo radical	26
4. Capítulo 3 - O rap e a questão da realidade objetiva na arte	43
5. Conclusão	54
6. Referências	60

1. INTRODUÇÃO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como proposta fazer uma análise do gênero musical rap, a partir de uma perspectiva da estética: ramo específico da filosofia, que tem em seu propósito o estudo das artes. Para realização deste trabalho, condicionei um caminho criterioso para a análise do meu objeto de pesquisa, partindo de duas estéticas que dialogam entre si e se complementam; a estética de Hegel e a estética marxista do filósofo húngaro György Lukács. A influência da filosofia de Hegel no marxismo foi fundamental para estruturação de uma concepção materialista sobre a realidade, elaboradas por Karl Marx e Friedrich Engels. Apesar de algumas limitações da Filosofia idealista hegeliana, seu pensamento [...] “*possui uma aspecto objetivo*” (LEFEBVRE, 2018, p.19), que contribuiu para um salto qualitativo na filosofia marxista:

A filosofia de Hegel é um marco decisivo na *abertura do pensamento para a história*, no esforço para promover uma *fluidificação dos conceitos* a que recorreremos para pensar o mundo. A tradição especulativa metafísica na história da filosofia engendrara uma espécie de congelamento dos conceitos utilizados pelo intelecto humano, criando a representação ilusória de um mundo estático. Hegel, rompendo com semelhante tradição, discerniu no movimento a realidade-base e concebeu o real como um processo. (KONDER, 2013, p. 29)

As influências hegelianas no pensamento marxista são inegáveis, não somente para o campo epistemológico, mas também para estética marxista, segundo Konder (2013), Lukács parte de várias formulações de Hegel para analisar as categorias da sua estética. O filósofo brasileiro também aponta algo fundamental e que serviu de influência para seguir a linha em que se estrutura essa pesquisa: “Devidamente apreciados, certos aspectos da estética hegeliana teriam poupado a alguns teóricos marxistas certas deficiências que vieram a se manifestar no trabalho deles”. (KONDER, 2013, p.32).

Para não cair em equívoco, busquei não limitar a minha pesquisa a uma perspectiva fechada somente na estética hegeliana, partindo do pressuposto que Hegel possui algumas limitações. Também, procurei não isolar as análises somente na estética marxista, ou fazer um movimento anti-hegeliano, ignorando as contribuições de Hegel para o pensamento do materialismo histórico e dialético. Era fundamental não cair na armadilha da superação total de uma filosofia sobre a outra, e acabar seguindo uma metodologia mecanicista na pesquisa, onde uma teoria superior anula as contribuições

de outra teoria filosófica superada. As próprias características do objeto de pesquisa exigiam que o rigor metodológico não desembarcasse em um engessamento teórico/conceitual, o que levaria a uma limitação da análise.

E sendo a música rap o objeto da pesquisa, utilizei de um vasto conhecimento que adquiri ao longo de anos como rapper e ouvinte do estilo musical. Sabendo que seria uma análise complexa, devido a diversidade do gênero e das próprias formas da arte, busquei suporte em dois nomes que são referência em estudos sobre o rap no Brasil: o professor e crítico cultural Acauam Silverio de Oliveira, autor do prefácio do livro *Sobrevivendo no Inferno*¹, dos Racionais MC's, além de ter realizado outros trabalhos importantes sobre o rap e a música em geral. Utilizei também as reflexões do historiador Roberto Camargos de Oliveira, autor do livro *Rap e política: percepções da vida social brasileira*². Esses dois autores estão na vanguarda das pesquisas acadêmicas sobre o rap no Brasil, sem a contribuição de ambos seria quase impossível realizar tal empreendimento.

Como meu objeto de pesquisa é muito diverso em sua prática, e ao longo do tempo deu origem a uma série de subgêneros musicais, se faz necessário um recorte mais específico em minhas análises. O rap é fruto de uma prática cultural que despontou nos Estados Unidos na década de 70 e que ao longo do tempo ganhou o mundo até chegar no Brasil (OLIVEIRA, p. 34, 2015). Busquei fazer um recorte específico de tempo e espaço, para que as análises feitas não ficassem desconexas: A proposta aqui, é de uma análise específica da música rap brasileira, produzida em meados de 1990 até os dias atuais. Nos trechos de músicas que coloquei no texto, busquei trazer artistas que são referência no gênero e na cultura Hip-Hop, como Racionais MC's, MV Bill, bem como os rappers Dexter e Don L, que são citados aqui em pequenas menções.

A sigla rap tem a sua origem na língua inglesa, que significa *rhythm and poetry*, que é traduzido de forma literal como "ritmo e poesia". O rap faz parte do que conhecemos como elementos da cultura Hip-Hop, que são incorporados em sua prática e dão vida à essa cultura. Os elementos são: Break Dance (Dança); o Grafite (artes plásticas); o DJ ou Disc Jockey (música); e o MC (música), que também é comumente

¹ *Sobrevivendo no inferno / Racionais MC's*. — 1ª ed. — São. Paulo : Companhia das Letras, 2018.

² *Rap e política: percepções da vida social brasileira / Roberto Camargos de Oliveira* — 1. ed — São Paulo: Boitempo, 2015.

chamado de rapper. O rap é a junção dos elementos DJ e MC, que em suas posições materializam de maneira particular as canções do gênero. O rap, como qualquer prática cultural, foi se modificando ao longo do tempo, de fato, ele não surge pronto e acabado (OLIVEIRA, p. 36, 2015), entretanto, podemos definir a sua configuração inicial da seguinte maneira:

O rap é o resultado de múltiplas experimentações culturais que, em meio a processos de incorporação e apropriação (no caso, de traços da cultura jamaicana, afro-americana e latino-americana, bem como de estilos tão variados como funk, jazz, soul, reggae, dub etc.), desembocaram em uma música nova, desenvolvida organicamente em clubes e festas, em atenção aos anseios de parcelas específicas da população. (OLIVEIRA, 2015, p. 36)

A partir de alguns pontos elucidados sobre o rap, de modo a configurar o texto para que fique mais acessível ao leitor, visando a melhor compreensão daqueles que não possuem familiaridade com o gênero, podemos partir para explicitar melhor os objetivos desta pesquisa.

Nossa análise estética é permeada por alguns pontos principais tratados nos capítulos: No Primeiro capítulo, meu objetivo é de fato provar, com fundamentação teórica, partindo da estética hegeliana e da estética marxista, que o rap, diferentemente do que afirma a crítica burguesa, é uma genuína forma de arte, que cumpre as finalidades inerentes a grandes obras artísticas.

O segundo capítulo tratei da questão da arte e verdade objetiva através do rap, partindo das reflexões feitas por Lukács, tratando também de alguns conceitos elaborados e pesquisados pelo húngaro: dentre eles, o conceito de “reflexo estético”(2018) da realidade, bem como o conceito de “realismo” (ENGELS, 2010), fundamentais para entendermos o rap enquanto uma genuína forma de arte

Por fim, busquei analisar quais as seriam contribuições e os limites do rap para a construção da emancipação humana, visando a possibilidade da transformação da realidade social. Tendo em vista que o rap em sua essência, coloca como uns dos pontos chave na sua constituição enquanto forma de arte, justamente uma perspectiva emancipatória dos sujeitos. Acredito que os diversos questionamentos a qual me propus, justificam essa pesquisa como um empreendimento necessário, já que o rap é um dos estilos musicais de grande popularidade no Brasil e no mundo, e ainda sim é pouco estudado e pesquisado pela academia.

2. O RAP COMO FORMA DE ARTE

Minha intenção é ruim, esvazia o lugar
Eu tô em cima, eu tô afim, um, dois pra atirar
Eu sou bem pior do que você tá vendo
O preto aqui não tem dó, é 100% veneno
A primeira faz bum, a segunda faz tá
Eu tenho uma missão e não vou parar
Meu estilo é pesado e faz tremer o chão
Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição

Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além
E tem disposição pro mal e pro bem
Talvez eu seja um sádico, ou um anjo
Um mágico, o juiz ou réu
O bandido do céu
Malandro ou otário, quase sanguinário
Franco atirador se for necessário

Revolucionário, insano ou marginal
Antigo e moderno, imortal
Fronteira do céu com o inferno
Astral imprevisível
Como um ataque cardíaco do verso
Violentamente pacífico, verídico
Vim pra sabotar seu raciocínio
Vim pra abalar seu sistema nervoso, e sanguíneo

Pra mim ainda é pouco, Brown cachorro louco
Número 1 dia, terrorista da periferia
Uni-duni-tê, eu tenho pra você
Um rap venenoso ou uma rajada de PT
E a profecia se fez como previsto
1997, depois de Cristo
A fúria negra ressuscita outra vez
Racionais Capítulo 4, Versículo 3
(RACIONAIS, Capítulo 4, Versículo 3, 1997)

O violentamente pacífico Mano Brown colocou toda sua potência e fúria quando imortalizou essas rimas na música “Capítulo 4, Versículo 3”. Pois, no papel de “mais um sobrevivente” do inferno, que era condição não só do autor, mas da maioria dos jovens negros e periféricos dos Anos 90 (e de tantos ainda hoje), a única opção que restava era a de se tornar um “terrorista da periferia”, e o seu discurso em uma arma de grande poder de fogo. O que desejava o rapper com tais versos, além é claro, de que ritmicamente as palavras se assentassem sobre o instrumental? A dimensão alegórica dessa composição, e de todo álbum a qual ela faz parte (*Sobrevivendo no inferno* 1997)³, nos dão amostra de um profundo conteúdo discursivo sobre a realidade social da população periférica no Brasil, não se limitando a uma mera descrição de acontecimentos: a obra é um importante registro ético e estético de determinada época e parte ignorada da nação.

Para além do registro histórico de um passado recente do país, também é necessário observar a carga crítica dessa canção, e é aqui, onde o rapper com todo seu vigor poético convoca os seus iguais para o enfrentamento de toda uma política de genocídio da juventude periférica. Política essa que no Brasil, como bem ressalta Acauam Silverio de Oliveira⁴, é parte fundamental de um projeto de nação que transformou o país em um “verdadeiro campo de extermínio a céu aberto, que tem como aspecto decisivo a produção e a gestão da violência contra os mais pobres”(2018, p 09). Fundamentado ideologicamente pela classe dominante, tal projeto, busca se justificar em narrativas de criminalização desses jovens negros e periféricos, colocando-os como um perigo a sociedade e um inimigo a ser combatido. Nesse contexto, a arte produzida pelos Racionais MC's vem se contrapondo às posições contemplativas e estáticas dos indivíduos diante da vida, e espontaneamente acabaram superando configurações artísticas supérfluas voltadas unicamente para o deleite estético puramente formal. É como se Mano Brown; “homem de pouca leitura”⁵ como ele mesmo se autoproclama, tivesse compreendido de maneira orgânica, que as “armas da crítica”⁶ empregadas aqui de maneira poética são capazes de movimentar uma grande força material, não só para

³ SOBREVIVENDO NO INFERNO. Racionais MC's. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997. 1 CD (65 min).

⁴ OLIVEIRA, Acauam Silvério de. “O evangelho marginal dos Racionais MC's”. Racionais MC's. *Sobrevivendo no inferno*. São. Paulo: Companhia das Letras, 2018.

⁵ ENTREVISTA. Roda Viva, São Paulo: TV Cultura, 2007. Programa de TV.

⁶ MARX, Karl. *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel: Introdução*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

que os oprimidos compreendam sua condição no estado das coisas, mas também se levantem no enfrentamento de seus opressores.

A posição crítica dos Racionais MC's, assim como de uma boa parcela dos rappers diante da realidade social vivida na periferia, se choca com o discurso e a visão de mundo hegemônica da classe dominante. Produto do “poder espiritual”⁷ – como bem nos lembra Marx e Engels – dessa classe, também chamada de burguesia, está nas mais diversas esferas da sociedade, principalmente nos meios de comunicação e práticas culturais. O alvoroço causado pelo impacto das canções do gênero, tornou o rap centro de polêmicas estéticas, onde o seu valor como arte, foi e ainda é, a todo momento colocado à prova. Mas em que se fundamentam alguns dos críticos que construíram análises sobre esse gênero musical? Quais os critérios estéticos usados para análises das obras de música rap? Será que tais críticos possuem bases teóricas em sistemas filosóficos que se prontificaram a analisar as artes? E se essas bases teóricas forem capazes de dar estrutura às críticas, não precisam apelar para malabarismos argumentativos ou sofismas? Afinal, o rap pode ser considerado arte? Ou melhor dizendo, uma verdadeira forma de arte? Mesmo estes simples questionamentos que poderíamos dar como respondidos, tendo em vista a aceitação de uma parcela de artistas da música rap pelo mercado fonográfico nos últimos anos, ainda se fazem presentes quando abordamos o tema. A própria consagração de obras outrora demonizadas como o álbum *Sobrevivendo no Inferno* do Racionais MC's, - muito a contragosto de ideólogos burgueses- poderia fazer esquecer que a mesma mão que aparenta afagar e colocar no colo, ainda hoje apedreja, principalmente tudo aquilo que potencialmente a indústria não consegue transformar em mercadoria. Como podemos perceber, tais questionamentos merecem ser abordados com um pouco mais de profundidade.

Aos olhos (e ouvidos) daqueles que possuem concepções conservadoras do que é arte, tais versos, de uma canção como “Capítulo 4, Versículo 3”, citada no início do texto, soam como uma afronta às formalidades e conceitos estéticos. Para além da superficialidade de tais concepções, é perceptível que, somente as manifestações que se adequem normativamente às configurações determinadas de antemão, vindas de grupos restritos que representam os interesses da classe dominante, podem ser legitimadas como arte. Geralmente, esses grupos fundamentam os seus critérios de avaliação e

⁷ MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

legitimação do que é arte, através dos parâmetros determinados pela ideologia da classe à qual pertencem. Ou seja, tendo assim o poder de escolha sobre quais manifestações configuram como arte ou não. Ao rap, como manifestação cultural orgânica, que em sua origem surge das classes populares, ficou relegada à crítica da exclusão, muito habitual a todos os produtos culturais que se originam de uma classe marginalizada da sociedade. Por vezes, essa manifestação foi encarada no máximo como uma subcultura, outras vezes, nem sequer como música. Vítima não só de um preconceito estético, mas também de um profundo ódio de classe, a esse “filho bastardo da música”⁸, restou apenas ser categorizado pelo status de não-arte e ser invalidado pelos critérios da crítica burguesa. Mesmo sendo uma manifestação cultural de mais de 40 anos, e amplamente difundida pelo mundo, por diversas vezes teve o seu valor estético reduzido.

Inúmeras eram, e ainda são, nos dias de hoje as justificativas para fundamentar essa crítica. Como se tem percebido ao longo dos anos; critérios tão firmes quanto um “prego na areia” são usados falaciosamente, sempre com tom de autoridade para maquiagem um enorme preconceito com determinada parcela da população e seus produtos culturais. Trazendo à tona o conflito de classes, que é algo inerente ao sistema capitalista. Conflito esse que a princípio é explicitado de forma crítica nas composições dos rappers, nos dão a dimensão das mazelas dessa sociedade que surgem em função da exploração de uma classe sobre a outra. Em uma das principais obras de análise sobre o gênero, o livro *Rap e Política: percepções da vida social brasileira*, do historiador Roberto Camargos, já de início, nos dá a dimensão de como esse embate se materializa na delicada relação entre a crítica jornalística especializada e os rappers. Não é muito raro se deparar com opiniões de funcionários da grande mídia corporativa que enquadrem o rap como gênero de “pobreza musical” e classifiquem as composições como “letras lamuriantes e mal construídas”⁹. Tal fato, de acordo com o historiador, escancara o embate ideológico travado no campo cultural por duas classes distintas, bem como o choque que a narrativa do rap pode causar nas classes dominantes.

A opinião do jornalista evidencia como uma experiência social e cultural expõe as tensões que constituem a vida em sociedade, porque ver o rap de modo tão negativo é indício de “lutas de representações”, de um descompasso que se

⁸ PARANHOS, Alberto. Prefácio: Sem travas na língua. OLIVEIRA, Roberto Camargos de. *Rap e política: percepções da vida social brasileira*. São Paulo: Boitempo, p.10, 2015.

⁹ Apoenan Rodrigues, “Rap ganha vida nova”, *Jornal do Brasil*, 12 de out. 1993.

instala na maneira como diferentes setores sociais pensam a sociedade. (OLIVEIRA, 2015, p.15)

Esse estigma que o rap carrega até os dias de hoje, é muitas vezes materializado em frases como as que foram escritas no texto da colunista Barbara Gancia para o jornal Folha de S. Paulo¹⁰: de que o rap seria “música de bandido”, a jornalista também acusa o gênero afirmando que o mesmo “é sexista, faz apologia à violência”. Também são comuns as acusações de apologia ao consumo e venda de drogas. As frases citadas anteriormente, bem como as que vem a seguir no texto, são de autoria da mesma colunista, e circularam amplamente em um dos maiores veículos de comunicação do Brasil, famoso por dar espaço a “profissionais” que defendem com unhas e dentes os interesses da burguesia. Bárbara afirma que era comum, quando trabalhava em um programa de TV, descobrir que alguns dos convidados rappers tinham “ligação com o tráfico de drogas”, a jornalista caracteriza o gênero como “lixo musical”. No mesmo texto, a colunista se mostra indignada com o emprego de verbas estatais em políticas públicas voltadas para cultura Hip-Hop, e faz o determinado questionamento; “Mas eu pergunto: a que ponto chegamos? Desde quando hip-hop, rap e funk são cultura?”. A pergunta feita de maneira retórica já pressupõe uma resposta: que o rap e o funk não são cultura, ou então jamais o texto teria sido escrito, melhor; jamais teria sido escrito desesperadamente de forma tão injuriosa. Em nada surpreende a opinião explicitada na coluna do jornal, aliás, seria algo de se esperar vindo dos veículos de comunicação de propriedade da classe dominante, que ainda hoje seguem linhas editoriais ideologicamente neoliberais e de posições reacionárias, contrários a qualquer aceno mínimo de políticas públicas assistenciais aos mais pobres, mesmo que sob a perspectiva de reforma do capitalismo. Afinal, não pode existir pecado maior do que a realização de políticas públicas voltadas para a população mais carente, e o governo querer empregar “o dinheiro do contribuinte para disseminar a cultura Hip-Hop entre jovens da periferia”¹¹.

A fórmula, ou poderíamos chamar de método, aplicado por uma grande parcela dos jornalistas na construção das análises sobre a música rap, quase sempre se inicia

¹⁰ Barbara Gancia, “Cultura de bacilos”, Folha de S.Paulo, 16 mar. 2007.

¹¹ Ibidem.

com críticas formais, ou seja, sobre o modo de cantar, as batidas etc. Posterior a essa análise formal, a crítica se estende ao conteúdo das canções; veremos mais a frente com mais profundidade cada um desses aspectos do gênero e suas relações. O objetivo é claro: colocar em dúvida a qualidade das produções, vide um preciosismo que aparenta estar pautado em um juízo de gosto, que aqui não passa de mero acessório retórico para camuflar os interesses de classe e a conservação dos valores da ordem dominante. Questiona-se o valor estético das canções descrevendo-as como pobres ou de pouca técnica, e onde há ausência de elementos estilísticos como melodias e afinação, mas é claro, a crítica não se restringe apenas a isso.

O rap, descrito como produto cultural de segunda classe, encontra na mídia definições como esta da matéria publicada na revista *Veja* (1990, p. 88): [...] “consiste numa letra falada – as vezes vociferada – sobre uma base rítmica”¹², as afirmações na matéria seguem de maneira pejorativa; [...] “o rap torna a arte da composição acessível a qualquer cidadão que não seja mudo ou gago”¹³. Não entrarei no mérito da democratização da arte, apontada pela revista de forma irônica na matéria, pois é perceptível que trata-se apenas de puro preconceito com a população periférica e suas produções artísticas. O que de fato quero ressaltar, é que veremos adiante que todo palavrório proferido pela crítica em relação ao rap, possui uma similaridade argumentativa com outros produtos jornalísticos da mídia, que atendem a propósitos bem específicos na formação de uma narrativa anti-periférica e contra seus produtos culturais.

Outro pilar em que a crítica se fundamenta, foi afirmar que o rap produzido aqui no Brasil, é um produto cultural qualitativamente pobre porque teve a sua origem nos guetos norte americanos e foi trazido para cá. Destacando tal fato como uma fragilidade estilística e, tratando esse produto cultural como mera cópia, classificando-o como algo não original e desprovido de elementos de brasilidade. Poderíamos apenas apontar que essa narrativa sobre o rap aqui no Brasil ser uma cópia do que é feito lá fora, como um deslize ou um equívoco jornalístico nascido por descuido ou acomodação, o fato é que estranhamente uma matéria que deveria servir para os leitores conhecerem melhor o objeto descrito, reforça preconceitos e estereótipos advindos de visões superficiais,

¹² “Dança dos furiosos”, *Veja*, 27 jun.1990, p.88.

¹³ *Ibidem*

demonstrando que os jornalistas não têm o mínimo de conhecimento prévio sobre o objeto analisado no texto. É notório que esse pilar não se sustenta de modo algum, devido ao fato de que no Brasil a música rap “foi logo apropriada”(OLIVEIRA, p. 65, 2015) pelos músicos e transformada em uma expressão cultural, que dialoga com a realidade social vivida por estes. Afirmar que essa expressão cultural se configura como simples cópia, que não possui uma identidade própria formada pelo meio e suas condições materiais de existência, não somente é um equívoco grosseiro, mas também uma desonestidade intelectual sem tamanho, sobre essa situação o historiador afirma:

A música vinculada à consciência dos problemas urbanos, aos estilos de vida, às necessidades cotidianas próprias do contexto brasileiro (e, nesse caso, mais especificamente, o que foi vivido pelo compositor), ou seja, é inviável pensá-la como a imitação pura e simples de composições estrangeiras, o que converteria os músicos em “alienados” e suas produções em paródias de obras de rappers estadunidenses. (OLIVEIRA, 2015, p.63)

A desqualificação do gênero não se limita ao aspecto formal, na verdade a crítica começa pela forma mas sempre com uma sede voraz de chegar até o conteúdo. Como bem ressalta Roberto Camargos, o que grande parte da mídia burguesa teme são as posições “extremistas” dos rappers e seus “discursos radicais”, “o rap poderia ser aceito somente à medida que sofresse uma adequação, uma limpeza/higienização/desodorização do seu discurso” (OLIVEIRA, 2015, p.71). Buscando passar uma aparência de imparcialidade e de superioridade intelectual, a crítica burguesa sempre se volta para a defesa de um moralismo oco e superficial, que evoca a legalidade e os respaldo das instituições para poder criminalizar os discursos das composições.

Esses exemplos são bem comuns, em uma dessas matérias sobre o gênero, a Folha de S. Paulo¹⁴ busca classificar o rap, dividindo-o entre a “turma do bem” e os que “pecam pela postura radical”. Em geral, mesmo se tratando de grupos mais ou menos conhecidos do grande público, nenhum escapa da generalização superficial da crítica, como Isabel Roque (2002) aponta em um artigo do Observatório da Imprensa sobre o papel da crítica em relação aos Racionais MC's¹⁵: Existe uma facilidade absurda com que a crítica “bate o martelo” em suas posições, sem muita responsabilidade com que de

¹⁴ "Brasil também tem turma do bem", Folha de S. Paulo, 22 de jul.1996.

¹⁵ Isabel Roque, “Racionais MC’s e o tiroeteo cego da mídia”, Observatório da Imprensa, 31 jul. 2002.

fato aquele produto cultural é na realidade, mais uma vez volto a afirmar que tais posições não são desprezíveis, burras, ou preguiçosas, convém muito mais a crítica quando não afirmar, deixa no ar seu ponto de vista em relação aos artistas do rap. Com uma sutileza artificial, os críticos deixam questionamentos soltos no texto para que o leitor tenha a sensação que está sendo levado a refletir por si mesmo, e não sendo induzido a pensar de tal modo, veremos mais adiante alguns exemplos.

Analisando alguns textos, é perceptível que: por mais que a crítica tente se pintar com um verniz de imparcial, séria e criteriosamente racional, ela segue o caminho da apologia dos interesses da classe dominante. Tal fato é evidente, mas para o leitor que já possui um preconceito com o gênero, ou simplesmente não conhece o rap, acaba por se tornar um alvo fácil a ser atingido por esses produtos editoriais, transformando-se em um catalisador e reproduzidor de desinformações e generalidades. A busca pela cristalização de posições confortáveis e a afirmação dos próprios valores, faz os setores conservadores da sociedade se sentirem representados pelas narrativas midiáticas. Afinal, que ouvinte pararia para escutar, ou pelo menos compreender um artista, que segundo palavras da crítica - mais precisamente de Sérgio Martins (2002)¹⁶ - publicada na revista *Veja*, parece estar “descambando para a apologia da violência” ou que “apoiam o modo de vida marginal”. Mesmo quando alguns setores da mídia tradicional tecem críticas positivas as obras do gênero encontram resistência e uma chuva de contra-argumentações do próprio setor, que tratam logo de ridicularizar as análises dos colegas de profissão. É o caso do ex-colunista da *Veja*, Reinaldo Azevedo, que por várias vezes em seu blog, onde costumava vociferar críticas contra setores da esquerda brasileira e os governos do PT, aproveitava também seu espaço na mídia para atacar outros jornalistas que se propunham a analisar o rap, como também os próprios artistas, sempre com uma deselegância peculiar e um tom nada pacífico. Em um dos seus textos, o jornalista parece bem incomodado com o fato de uma coluna da *Folha de S. Paulo* ter tecido críticas positivas ao DVD do grupo Racionais MC's, “Mil Trutas, Mil Tretas”¹⁷. Respondendo ponto a ponto a coluna do jornal, Reinaldo busca desqualificar o trabalho

¹⁶ Sérgio Martins, “Irracionais MC's? Parece que a principal banda de rap do Brasil está descambando para a apologia a violência”, *Veja*, 2002. IN: Isabel Roque, “Racionais MC's e o tiroteio cego da mídia”, *Observatório da Imprensa*, 31 jul. 2002.

¹⁷ Adriana Ferreira da Silva, “Racionais MC'S lançam DVD”, *Folha de S. Paulo*, 9 fev.2007.

do grupo de rap, e principalmente a figura de Mano Brown, sempre com comentários irônicos a respeito das músicas e das posturas pessoais do músico, dando a entender que a percepção da colunista que escreveu a matéria é deturpada por uma visão mítica do cantor, e que a jornalista estaria tratando o artista como alguém “superior a Cristo”¹⁸.

É evidente que o direcionamento da crítica busca sempre tocar em alguns pontos-chaves, além da parte formal, como a qualidade estética – ou a falta dela – das canções, o conteúdo das letras, sempre de maneira incriminatória e tratando os artistas e suas obras como entusiastas e apologistas da criminalidade, ou como Reinaldo Azevedo (2007) define: “a glorificação da violência e da chamada cultura da periferia”¹⁹. Não levando em consideração que o conteúdo dos raps extrai a matéria-prima de sua criação da realidade social vivida nas periferias, e que, não ignorando a diversidade de narrativas que os muitos artistas que fazem parte do meio cultural podem criar, as canções tratam de temas como pobreza, marginalidade, criminalidade, venda e consumo de drogas, de maneira crítica.

Para alguns críticos da grande mídia que se propuseram a analisar o gênero, sempre com uma visão de fora para dentro, o modo “radical” como alguns artistas se posicionam em algumas canções é justamente o ponto que causa mais desconforto. As percepções sobre o aspecto formal das canções se tornam um elemento secundário na análise, o conteúdo que exerce um papel fundamental no que caracteriza esse tipo de arte, é o prato cheio para a crítica impor um estatuto do que é arte de maneira superficial e desonesta. Tratados como um “perigo iminente”²⁰ ou uma “bomba relógio social”²¹ nas publicações, os rappers têm que lidar com acusações em formas de “críticas” e “resenhas” feitas pela grande mídia. Muitas vezes essas críticas surgem de forma velada, quando afirmam que as músicas são “narradas como filmes de ação”²², outras, de forma um pouco mais explícita, quando afirmam que os músicos têm envolvimento com a criminalidade por estar cantando determinado conteúdo. Além de encarar o veredicto condenatório a respeito dos conteúdos das músicas, como se fossem apologia

¹⁸ Reinaldo Azevedo, “Por que um certo Mano Brown é superior a Cristo”, Blog do jornalista Reinaldo Azevedo, Veja, 24 set. 2007.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Isabel Roque, “Racionais MC’s e o tiroteio cego da mídia”, Observatório da Imprensa, 31 jul. 2002.

²¹ Ibidem.

²² Ibidem.

a criminalidade, e acima de tudo não aceitáveis para serem consideradas como arte, os rappers também tem que lidar com questionamentos e infâmias, principalmente sobre a “vida pregressa”²³, ou se são “condescendentes com o crime organizado”²⁴ por deixarem de “fazer uma crítica mais dura ao crime organizado, que ele (o rap) faz as forças policiais e ao Estado”²⁵. Como podemos perceber nas posições da mídia, os jornalistas não se limitam a analisar isoladamente as obras: as dúvidas postas sobre forma e conteúdo das canções tendem a tomar direção para questionamentos sobre a vida pessoal e a conduta dos rappers, colocando artistas que narram um determinado fato social em suas obras, no mesmo patamar que aqueles que cometem algum ato criminoso. Sobre a percepção da crítica e seu tratamento generalizado em relação aos artistas de rap que cantam músicas abordando temas de ordem social; como a violência por exemplo, podemos nos valer das palavras de Mano Brown em um trecho extraído de uma entrevista para a MTV:

Todo estilo de música que é anti sistema, que critica o sistema, tem uma postura forte. E as pessoas, a critica por exemplo; ela costuma ligar a postura com a violência, entendeu?! Mas não são todos os músicos de rap que falam de violência, entendeu?! A violência é um fato natural com o rap e sem o rap, entendeu? (Mano Brown. Documentário Oficial Racionais MC's Anos 90 MTV. 2016. Min: 23:00)

Essa generalização negativa nos diz muito a respeito dos olhares de determinada parcela da sociedade sobre a música de origem periférica. Ainda em um passado recente do Brasil, mesmo sob a tutela de governos democráticos, e instituições juridicamente respaldadas pela constituição cidadã de 1988, foram (e ainda são) comuns episódios de censura e cerceamento de liberdade de expressão de artistas da música rap²⁶, tendo como justificativa principal o conteúdo das letras. Aqui no Brasil as instituições jurídicas do Estado, sob o manto da legalidade burguesa a partir dos anos 90 definiram o rap como inimigo ideológico número um, e também como perturbador da ordem social. Após a declaração de guerra ao rap, o terrorismo midiático fez o trabalho de combate ideológico, reforçando estereótipos depreciativos no imaginário das pessoas.

²³ “Presidente da Fundação Palmares ataca rappers e pede checagem da ‘vida pregressa’”, Carta Capital, 17 abr. 2020.

²⁴ Vera Magalhães em pergunta realizada ao rapper Emicida durante entrevista. Roda Viva, São Paulo: TV Cultura, 2020. Programa de TV.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Fabiane Leite, “Justiça veta vídeo de rap do grupo Facção Central na MTV”, Folha de S.Paulo, 29 jun. 2000.

Historicamente, no Brasil, esse tipo de perseguição foi algo comum a outras manifestações da cultura negra popular, como a capoeira e o samba, não seria de se espantar que o mesmo acontecesse com o rap.

Sob essa atmosfera hostil é construída uma imagem negativa do rap, como uma cultura que influencia a juventude com o que há de pior na sociedade. Além da crítica especializada no Brasil, o rap também é constantemente fonte de matérias para um outro produto jornalístico: os programas policiais, que no país atuam como tribunais midiáticos da população periférica, e contribuem ainda mais para reforçar tais estereótipos, seja com acusações pejorativas ao gênero e aos músicos, seja atrelando esse tipo de música a constituição da imagem do marginal padrão. Sikera Jr²⁷, um conhecido apresentador, de um dos programas policiais de maior audiência no Brasil, o Alerta Nacional da Rede TV!, afirma sobre o rap a seguinte opinião: “lamentavelmente, a criançada vai na onda sem nem saber o que tá acontecendo” [...] “acha legal a música, a batida”. Enquanto se utiliza de um tom sarcástico para noticiar sobre o fato de um músico de rap ser suspeito de envolvimento com tráfico de drogas, o apresentador segue fazendo questionamentos retóricos a respeito da suspeição do músico, afinal, a notícia não só pressupõe que o cantor seja culpado, mas que todos os músicos de rap tem envolvimento com atividades ilícitas. Na chamada para a reportagem, o apresentador busca justificar sua opinião sobre o gênero com um tom de “preocupação” com a juventude brasileira, já que os rappers, a qual o apresentador se refere como: “essas desgraças” que influenciam de forma nociva os filhos e filhas dos telespectadores.

Por mais que haja linhas editoriais diversificadas e produtos jornalísticos variados dentro da grande mídia, nos veículos de comunicação de alcance nacional o rap é quase sempre tratado de maneira superficial e negativa, para não dizer ofensiva. Se não houvesse nessa pesquisa uma especificação das falas sobre o rap dentro da mídia em relação aos seus autores, seria um trabalho quase que impossível diferenciar quem emitiu determinada opinião pejorativa sobre o gênero, tamanha a similaridade discursiva das linhas editoriais “distintas”. Dos grandes jornais com seus críticos e resenhistas especializados ao sensacionalismo caricato e violento dos programas

²⁷ Sikera Jr. “Rapper maconheiro”. Alerta Nacional: Rede TV!. 2020. Programa de TV.

policialescos, o discurso preconceituoso e difamatório sobre o rap são unanimidades, e nos fazem refletir como ambas as facetas da imprensa se assemelham e seguem o mesmo propósito: criar uma narrativa de combate aos produtos culturais e pessoas negras e periféricas. As estratégias usadas em um contexto de guerra espiritual passam pela exclusão destes produtos culturais, bem como pelas críticas extremadas. O que é perceptível até o momento, é que opiniões injuriosas sobre a música rap, não se dão pelo simples fato dela ser feita por pessoas que vivem às margens da sociedade, sofrendo todo tipo de opressão e violência, mas sim por essa forma de arte materializar e problematizar toda realidade vivida por esses indivíduos, e obviamente questionar algumas ordens estruturais que sustentam o status quo e a sociedade capitalista.

Os exemplos de críticas depreciativas ao rap dentro da grande mídia brasileira são inúmeros, eles criaram o mito de que o rap não seria arte, e tal opinião por muito tempo vigorou como senso comum no imaginário coletivo. Por outro lado, crescia o número de pessoas que ouviam e se identificavam com esse gênero musical produzido nas periferias. Os adeptos do rap viam sua forma orgânica de expressão artística romper os limites impostos pela exclusão social dos grandes centros urbanos e chegarem aos quatro cantos do país. Cada vez mais as periferias se conectam através das vozes e ideias cantadas pelos MC's. Nem todo temor da classe dominante através da campanha difamatória de sua mídia corporativa poderiam desmotivar aqueles jovens que escolheram seguir a "Profissão Perigo". Uma vez superados os juízos negativos sobre o rap e respondido à questão inicial sobre o critério usado nas críticas sobre o gênero, podemos no momento nos concentrar em responder a questão posterior: se o rap pode ser considerado uma verdadeira forma de arte? E que sendo essa forma genuína de arte, em que sentido pode contribuir para a emancipação humana? Para que tais questionamentos sejam respondidos de maneira clara, examinaremos detalhadamente as características e conceitos que configuram o rap enquanto expressão artística, tanto em sua forma, quanto em seu conteúdo, bem como na relação recíproca entre esses dois elementos.

3. RAP: A ARTE ENQUANTO MANIFESTO POR UM HUMANISMO RADICAL

Como uma manifestação orgânica, o rap dispensou qualquer configuração a priori que viesse atribuir formalidades rígidas e estáticas em sua prática. Isso não quer dizer que os artistas de rap estejam em um eterno espontaneísmo, e que o gênero não tenha suas próprias leis e seu estatuto de criação. Mas podemos dizer que a livre expressão está no centro do que essencialmente configura o rap. Ela pode, contudo, ser colocada tanto como um fim, quanto como um ponto de partida, mas veremos que não o único. A liberdade, é por assim dizer a base fundamental que dá à música rap um caráter revolucionário. Essa essência revolucionária fez com que alguns adeptos ao longo do tempo ressignificassem a própria sigla que dá nome ao gênero: ao invés de se chamar rap remetendo a uma tradução literal de "rhythm and poetry" (ritmo e poesia) passasse também a ser reconhecido como "revolução através das palavras". Ambos os significados demonstram o quanto a proposta que esse gênero musical busca materializar as condições para uma elevação da consciência, tanto dos que produzem, quanto dos que ouvem.

O rap já faz parte do cotidiano da juventude, não somente a que está nas periferias do país. Podemos ver esse estilo musical presente tanto em rodas de jovens que improvisam rimas no estilo livre (Freestyle) em lugares como praças, transporte coletivo, quanto nos palcos de grandes festivais em que os rappers dividem o espaço com os maiores nomes da música nacional e internacional, consolidando no mais alto patamar artístico alguns dos expoentes do gênero. O que faz essa forma de arte ter tanta força entre seu público, é ela estar em constante movimento, contrapondo antigos paradigmas estabelecidos em sua prática, dados pela tradição cultural e os costumes. Através da inovação dos métodos, técnicas, práticas, o rap possibilita tanto para os artistas, quanto para o público, diferentes maneiras de pensar o mundo e reconstruí-lo sob essa nova ótica. O rap parte da realidade vivida, e os múltiplos saberes que fazem parte da formação cultural dos rappers não são rechaçados na construção de algo novo, pelo contrário, são encarados como raízes que dão a estrutura dessa árvore que dará novos frutos. Para que essa possibilidade viesse a se tornar uma realidade, os rappers consolidaram sua prática artística não somente com a intenção de um deleite estético

para seus ouvintes, mas necessariamente como instrumento para despertar a consciência, o que para Hegel configura como um dos papéis fundamentais da arte.

Sempre a arte foi para o homem instrumento de consciencialização das ideias e dos interesses mais nobres do espírito. Foi nas obras artísticas que os povos depuseram as concepções mais altas, onde as exprimiram e consciencializaram. (HEGEL, 2009, p 5)

Vejamos que mesmo dentro de um sistema filosófico como o de Hegel, que se utiliza de argumentos mistificadores e conciliatórios em sua tese sobre a finalidade da arte, o rap encontra, a princípio, fundamentos que podem justificá-lo como genuína forma de arte. A realidade social brasileira sempre amputou as possibilidades de pleno desenvolvimento das camadas mais pobres, muitos indivíduos, principalmente os jovens, não chegam sequer a ter uma parcial consciência de como suas existências, que sob o domínio dos capitalistas pode tornar-se indigna. Como bem exemplifica os Racionais MC's na música Diário de um detento, "o ser humano é descartável no Brasil", e tal fato de uma vida que não tem o valor sequer de um aparelho eletrônico não é exclusividade da população carcerária, mas de muitos moradores de periferias do país, que para ter o que comer ocupam as vagas de subempregos, se submetem a trabalhos precarizados, e quando não resta possibilidade de trabalhar, é preciso escolher entre mendicância ou a criminalidade.

Em termos gerais, essa tomada de consciência é amplamente necessária para o rap se configurar como arte, não somente um mero elemento agregado ao conteúdo de maneira secundária, mas uma das bases sólidas que dão sustentação ao gênero. A realidade social vivida pelos rappers não podia ser ignorada, então ela foi a base para o formato estético que materializou esse gênero musical. Ainda sim é necessário um aprofundamento em tal questão sobre a arte, e como ela levaria os indivíduos em direção aos "verdadeiros interesses do espírito" (HEGEL, 2009, p.33), é o que veremos mais à frente, antes é preciso conceituar alguns pontos: a arte como a materialização de produtos do razão humana, ou como Hegel denomina "espírito", nos fornece uma gama de elementos e configurações para nós, portadores desta razão termos a possibilidade de nos auto conhecer tanto como indivíduos em particular, como parte de um gênero humano. Como bem salienta Hegel na sua estética [...] "Afirmção incontestável é a de que o espírito pode considerar a si próprio, dotado como é de uma consciência que lhe

permite pensar a si próprio e a tudo que quanto origina” (HEGEL, 2009, p.17). Como produto do espírito humano, a arte, nesse caso específico o rap, é uma materialização que reflete a realidade (LUKÁCS, 2018) de quem a produziu. Ou seja, não há somente uma descrição de fatos e acontecimentos daquele determinado período histórico que os rappers estão vivendo, mas sim um relato profundo, crítico, um olhar sensível e vivificante de quem sofre e conhece de perto os dramas humanos vividos em uma sociedade tão hostil como a sociedade capitalista. Em termos, como bem específica Hegel, “o espírito revê-se nos produtos da arte”(HEGEL, 2015 p.18), mas não de um modo imediato como acontece na própria realidade vivida, e sim de uma maneira que nos leva a imergir naquela realidade de tal forma que podemos conhecer sua essência menos aparente.

Um homem na estrada recomeça sua vida
Sua finalidade a sua liberdade
Que foi perdida, subtraída
E quer provar a si mesmo que realmente mudou
Que se recuperou e quer viver em paz
Não olhar para trás
Dizer ao crime: nunca mais!
Pois sua infância não foi um mar de rosas, não

Na FEBEM, lembranças dolorosas, então
Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim
Muitos morreram sim, sonhando alto assim
Me digam quem é feliz
Quem não se desespera vendo
Nascer seu filho no berço da miséria
Um lugar onde só tinham como atração
O bar, e o candomblé pra se tomar a benção
Esse é o palco da história que por mim será contada
Um homem na estrada [...]

Equilibrado num barranco incômodo
Mal acabado e sujo, porém
Seu único lar, seu bem e seu refúgio
Um cheiro horrível de esgoto no quintal
Por cima ou por baixo, se chover será fatal

Um pedaço do inferno, aqui é onde eu estou
Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou
Numerou os barracos, fez uma pá de perguntas
Logo depois esqueceram, filhos da puta [...]
(RACIONAIS, O homem na estrada, 1993)

O trecho da canção citada dos Racionais MC's (O homem na estrada) nos convida de início a conhecer a história desse homem cuja a identidade não é revelada, que não possui um nome próprio, é apenas designado como “homem”, sem rosto, sem identidade, apenas mais um na multidão amontoada nos barracos nas favelas. Ele poderia ser qualquer homem em qualquer periferia desse continental país, ou para fazer menção a uma outra canção dos Racionais ele poderia ser apenas mais um “Rapaz Comum”, que recém saído da prisão, necessita reconstruir a sua vida através de um novo caminho que não seja a criminalidade. História que por muitas vezes vemos se repetir cotidianamente no Brasil: jovem que se envolve por necessidade material no caminho da criminalidade e acaba sendo encarcerado, quando sai da detenção, em um dado momento percebe que o cumprimento da sua pena se estende a vida fora da instituição prisional. Além da privação de liberdade como punição, descobre da pior maneira que nascer preto e pobre no Brasil, talvez seja o maior delito que alguém pode cometer. Subsequente à apresentação da personagem principal temos a apresentação do lugar onde a história se desenrola, um cenário nada agradável, assim como também era a “Febem” e a “detenção” onde viveu o “homem” em determinadas épocas de suas vida. O palco onde a história será contada, vai sendo pouco a pouco descrito na composição pelo autor. Na canção, a apresentação do ambiente não configura como uma descrição formalista, há principalmente uma problematização desse ambiente totalmente insalubre, que busca trazer o ouvinte para uma reflexão sobre as condições subumanas a que alguns milhões de brasileiros ainda são submetidos. Inclusive, até os dias de hoje tal condição vem se agravando, como apontam recentes pesquisas da Fundação Getúlio Vargas (2021) sobre as condições de vida de alguns brasileiros, são 28 milhões de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza em 2021, em 2019, antes da pandemia, já eram 23 milhões²⁸, o que demonstra que da época do lançamento da música (1997) até

²⁸ Raquel Landim, “Quase 28 milhões vivem abaixo da linha da pobreza no Brasil”, CNN, 7 out. 2021.

os dias de hoje muita coisa não mudou, a não ser para pior. Na canção, o abandono do Estado é colocado em ênfase, como uma lembrança dos que foram esquecidos, pois, mesmo que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas apareça vez por outra para colher os dados daquela comunidade narrada na letra, a situação de abandono permanece a mesma, o que torna o tom de revolta algo não só necessário como também a única reação possível diante da desumanidade que é morar em “um pedaço do inferno”, para onde não só Deus virou as costas, mas também o Estado e todo resto da sociedade. A realidade ignorada pelo Estado, bem como por uma parcela de cidadãos que gozam de plenas condições materiais de existência, aqui vira poesia, mas não qualquer poesia, e sim a de um tipo que tem o efeito de um soco no estômago, a voz forte e o tom elevado do rapper deixa claro que as intenções não são de ser afável ou doce como comumente se espera de uma poesia no sentido mais genérico de sua forma. O rapper busca trazer a reflexão sobre a situação exposta na letra, e também materializar a sua revolta, o seu ódio com a mesma situação, a fim de que isso possa radicalizar o ouvinte que passa (ou não) por semelhantes violências e é constantemente silenciado.

Ao ouvir essa canção que conta a história de um ex detento que tenta refazer a sua vida tomando para si uma nova trajetória, podemos ter contato direto com a sua história, que se entrelaça com a de outras pessoas comuns que convivem naquele ambiente e que são extremamente afetadas pelos sintomas do quadro social de vulnerabilidade crônica que domina as periferias. O autor busca conectar os diversos relatos expostos na canção como parte de um único quadro social, às vezes em primeira pessoa, incorporando o próprio homem, que vê todo o seu drama pessoal se fundir com o meio e as outras pessoas que residem ali. Ou em outros momentos, em que o rapper se coloca apenas como narrador daquela história, que provavelmente viu acontecer em seu bairro diversas vezes. Apesar das personagens não terem nomes próprios, serem tratados na canção como anônimos, também pelo fato da canção ser uma forma de arte, o que pressupõe ser uma obra de ficção, nada do que é explicitado na letra foi arbitrariamente retirado da cabeça do autor por puro capricho, ou fundamentado em elementos puramente subjetivos, como a moral e a ideologia do autor. Aqui a realidade vivida pelo autor e pelas pessoas do seu bairro deixa de ser uma sequência de fatos meramente corriqueiros, que passaria despercebido para alguns, devido a fria naturalização da barbárie e violência, para tornar-se o ponto de partida da criação

artística, a qual sem a apreensão da expressão factual transformada em poesia pelo autor, jamais seria possível se concretizar. Esse trato na relação entre a arte e a realidade é colocado de modo fundamental na estética hegeliana como essencial para a criação de uma genuína obra artística:

O que exigimos a uma obra de arte é que participe da vida, e à arte em geral exigimos que não seja dominada por abstrações como a lei, o direito, a máxima, que a generalidade que exprima não seja estranha ao coração, ao sentimento, e que a imagem existente na imaginação tenha uma forma concreta. (HEGEL, 2009, p 19)

As tragédias anunciadas de uma realidade social caótica como essa que é relatada na letra, trouxe para o centro da consciência do autor, não somente a necessidade de expô-las como mera expressão do que é apreendido por essa consciência, mas também de entendê-las a fundo, seus nexos e causalidades, para buscar os meios possíveis de confrontá-las. O processo da arte adentra em uma etapa em que constitui uma dupla auto reflexão da realidade, por um lado o autor que cria a obra precisa superar o caráter imediato desta mesma realidade, ou seja, buscando desvendar a essência dos fenômenos colocados diariamente diante de si, por outro lado, temos o processo de auto reflexão da obra já materialmente finalizada, que se concretiza no ato da apreciação do ouvinte. Esse momento específico, onde há o contato sensível com obra de arte, onde através do reflexo atinge a interioridade do ouvinte, que pode se identificar com o conteúdo da obra por estar vivenciando semelhante situação, ou por tomar consciência dos dramas vividos pelos indivíduos do gênero humano. Para Hegel a arte não deve se limitar apenas em ser uma atividade meramente apreciativa, ou seja, “a arte pela arte”, uma atividade que serve somente ao deleite estético formal, desprovida de qualquer elemento reflexivo em sua representação.

[...] ,Hegel rejeita liminarmente as interpretações que apresentam a arte como um brinquedo inconsequente, um jogo desprovido de maior significação, uma atividade de entretenimento, um passatempo ornamental. A arte é coisa séria, é autoexteriorização e autoconscientização do homem. (KONDER, 2013, p 34)

A concepção objetiva de arte formulada por Hegel nos ajuda a compreender em sua essência, essa tão marginalizada forma artística que é o rap. Apesar de ser um idealista, Hegel rejeita a concepção de uma realidade totalmente estática, que pressupõe que todo conhecimento humano é igualmente fixo e cristalizado. O filósofo alemão

constitui a realidade em seu sistema filosófico como um processo e como ponto de partida para elaboração desse mesmo sistema e do seu método dialético. A realidade da qual o autor parte é a realidade humana, ou seja, aquela produzida de forma histórica e na sociedade de indivíduos deste gênero. Ainda que seja um ponto de partida coerente para formulação do seu sistema filosófico em sua totalidade, o projeto estético de Hegel, submetido ao seu sistema filosófico, sofre com algumas mistificações, como bem aponta a síntese do filósofo brasileiro Leandro Konder:

Para ele (Hegel), o homem é o agente de uma fase final do retorno de Deus a si mesmo. Num primeiro momento, a rigorosa natureza em que Deus (a Ideia Absoluta) se alienara é quebrada pelo *aparecimento da vida*. Num segundo momento, ocorre o desenvolvimento de uma forma superior de vida, que é o *aparecimento da animalidade*. O terceiro e último período do retorno é o que se caracteriza pela *autocriação do homem*, concebido o homem como o ser que porta em si o porvir do Espírito. (KONDER, 2013, p 29)

A filosofia de Hegel é por assim dizer uma filosofia do vir a ser para o humano. Essa constante auto realização do gênero humano se dá enquanto processo em que o espírito conhece a si mesmo, ou seja, a razão que pensa a si e que gradualmente ao passar por determinadas etapas se concretiza em sua forma absoluta. Tais etapas para a realização do Espírito Absoluto consistem em três momentos do conhecimento: o primeiro momento seria o da arte como conhecimento sensível; o segundo momento é o da religião, que representa o conhecimento simbólico; e o terceiro é o do conhecimento puramente racional, ou momento filosófico. Para Hegel, “a arte aparece como a expressão de um estágio já superado da consciência humana em seu caminho para a racionalidade absoluta” (KONDER, 2013, p 37). Esses desdobramentos do sistema filosófico hegeliano, sobretudo nessa racionalidade ou Espírito Absoluto, conduziram a história para uma finalidade: como aponta Antônio Raggio Filho, adquire em Hegel um caráter “divinizado”²⁹, e que levaria a humanidade para o fim último da liberdade. Liberdade essa que para Hegel é puramente conceitual, onde toda possibilidade histórica estaria entregue nas mãos desse ente místico que possui em si o conceito de homem já estabelecido aprioristicamente.

A filosofia diz respeito ao esplendor da ideia que se reflete na história universal. Na realidade, ela tem de se abster dos movimentos tediosos das paixões. Seu interesse é conhecer o processo de desenvolvimento da verdadeira ideia, ou seja,

²⁹ RAGGO FILHO, Antonio. “A crítica ao idealismo: política e ideologia”. Curso livre Marx-Engels: a criação destruidora. Org. José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2015.

da ideia de liberdade que é somente a consciência de liberdade. (HEGEL, 1995, p 373. apud RAGGO FILHO, 2015, p 44)

O grande momento da realização do Espírito Absoluto coloca a concepção histórica de Hegel em um papel de dependência do seu esquema lógico. A plena emancipação humana só seria possível enquanto momento na realização do absoluto, ou seja, apenas como consequência desse empreendimento do espírito e não em um plano concreto da história. É preciso compreender que Hegel como um homem do seu tempo, que possuía limitações históricas que não o permitiram avançar para além dos ideais que a burguesia propunha como classe. A burguesia, que na época em que viveu Hegel, ascendia ao poder, e tinha nele um de seus maiores pensadores. Ainda que Hegel procure justificações históricas para suas conceituações lógicas idealizadas, levando “ao extremo a presunção de um filósofo que crê que o mundo gira ao redor de sua cabeça” (LEFEBVRE, 2018 p.17) é também um pensador sério, que vivendo a época das aspirações do progresso da classe burguesa, depositava nela, sobretudo em seu Estado liberal, a esperança da encarnação do seu Espírito Absoluto. Mas como bem apontam Marx e Engels “Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência” (2009, p.32) , por mais que Hegel visse o mundo de forma invertida, e que também houvesse tais limitações que apontamos anteriormente no texto, o filósofo compreende de maneira muito concisa algumas contradições inerentes a realidade objetiva do seu tempo, bem como o papel da arte. Não cabe aqui fazer uma crítica aprofunda a filosofia hegeliana em sua totalidade, mas elucidar que mesmo passível de algumas limitações e mistificações conceituais, a estética de Hegel coloca na ordem do dia o debate fundamental sobre a arte e sua relação com realidade objetiva, debate que foi rigorosamente reabilitado pela tradição filosófica marxista, que fez dialeticamente uma interpretação crítica de Hegel enquanto se fundamentou respeitosamente em seus avanços filosóficos.

O debate sobre a liberdade desde a antiguidade esteve rondando a cabeça dos mais geniais pensadores, que limitados pelo tempo histórico, pelo modo de produção e de sociedade onde esses homens viviam, mesmo que de modo abstrato eles se dedicaram a buscar soluções sobre o tema, sobretudo, através importantes questionamentos filosóficos. Na modernidade, período em que Hegel viveu e onde

testemunhou grandes transformações no mundo e na consciência dos homens, esse debate volta à tona com grande força em relação ao período antigo. Pois tal debate diz respeito a acontecimentos e fatos históricos que mudaram drasticamente os rumos e a própria existência da humanidade. O definhamento do antigo regime, a ascensão de um novo, a substituição do modo de produção feudal pela entrada e consolidação do modo de produção capitalista, as revoluções políticas, econômicas, científicas e tecnológicas encabeçadas pela burguesia, proporcionam saltos qualitativos importantes para a humanidade. Porém, junto com os avanços vinheram as contradições, e a classe que tomou seus desígnios como universais, e sua vontade como a vontade de todos, é obrigada a encarar sua mesquinhez e impossibilidade de levar até às últimas consequências seus ideais de liberdade. Para a burguesia, restou apenas as ilusões heróicas sobre si e seus ideais: agora, ao invés da luta pelo progresso da humanidade, se consolida a justificação e conservação da ordem, independente de suas contradições. A dominação e exploração do homem pelo homem avança, e se complexifica: a classe que em determinada época foi subjugada, agora se assenta sobre o papel de algoz das massas, oprimindo outra classe, como bem aponta Marx e Engels “A história de todas as sociedades até agora tem sido a história da luta de classes”³⁰.

A moderna sociedade burguesa, que surgiu do declínio da sociedade feudal, não aboliu as contradições de classe. Ela apenas colocou novas classe, novas condições de opressão e novas formas de luta no lugar das antigas (MARX, ENGELS, 2008, p9)

A emancipação humana só é colocada em pauta necessariamente por aqueles que desejam transformar o mundo, não por mero capricho, mas porque este necessita urgentemente ser transformado. Pois, de fato existe uma dominação de uns tantos indivíduos sobre outros, dominação de uma classe sobre a outra através da exploração do trabalho, que gera o embate entre a classe dominante e a classe dominada, e que está posto na realidade. Este fato não é uma mera invenção ou devaneio da cabeça de alguns tantos indivíduos que buscam arquitetar o caos e subverter a ordem ao seu bel prazer. Pelo contrário, as contradições estão operando na própria realidade objetiva, através da história e não da lógica. O caos e a barbárie são partes importantes na fundamentação da

³⁰ MARX, Karl. ENGELS, Friedrich, “Manifesto do partido comunista”. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

estrutura de dominação que avança sobre os oprimidos como tentáculos, gerando necessariamente violentas opressões de classe, raça e gênero. A dominação recai sobre os corpos daqueles que não têm outra possibilidade de sobreviver em um sistema que transforma tudo em mercadoria, a opção que lhes restam é vender a única mercadoria que possuem, ou seja, a si mesmo e a sua força de trabalho. Para que a dominação sobre os corpos aconteça é necessário que haja também a dominação da consciência dos indivíduos, ou seja, são as ideias da classe dominante que em todas as épocas são reproduzidas como as ideias dominantes daquela época, como analisam Marx e Engels nos manuscritos *A ideologia alemã* (2009).

Os indivíduos que constituem a classe dominante também têm, entre outras coisas consciência, e daí que pensem; na medida, portanto, em que dominam como classe e determinem todo conteúdo de uma época histórica, é evidente que o fazem em toda a sua extensão e, portanto, entre outras coisas dominam também como pensadores, como produtores de ideias regulam a produção e a distribuição de ideias do seu tempo; que, portanto, as suas ideias são as ideias dominantes da época (MARX, ENGELS, 2009, p.67)

A produção e circulação das ideias da classe dominante exerce uma dupla função: Primeiro, apresentar o modo de produção capitalista e a sociedade regida pela classe dominante como ápice do desenvolvimento humano e uma realidade última que não pode ser superada. Ou seja, é preciso criar uma narrativa que materialize as ilusões heróicas dessa classe como vanguarda no mundo. A segunda, é interditar o debate sobre a realidade feito de forma honesta, e que analise as contradições postas pelo modo de produção, bem como sobre as possibilidades abertas na história para as transformações do mundo. Hegel teve a possibilidade de testemunhar apenas um curto período, inicial, de formação de domínio da burguesia e do seu modo de produção, por isso em sua filosofia, como ideólogo burguês, seu pensamento é um tanto "contorcionado", mantendo um "sutil compromisso entre o estático e o dinâmico" (LEFEBVRE, 2018, p.17). Mas diferentemente dos ideólogos burgueses contemporâneos, que são representados principalmente pelo jornalismo de grandes veículos de comunicação, Hegel não toma para si a posição de apologeta ou de mercenário, que procura produzir ideias que justifiquem a manutenção do status quo e de todas as injustiças de maneira desonesta. Após o seu apogeu, a burguesia entra em declínio como classe, vivendo o seu período de decadência³¹, para continuar gozando dos privilégios gerados pela

³¹ LUKÁCS, György, "Marx e o problema da decadência ideológica". São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

exploração da classe trabalhadora, lança mão dos mais sórdidos artifícios ideológicos, a fim de manter de pé as ruínas do seu império, e continuar acumulando o máximo de riqueza possível enquanto que uma parcela considerável da humanidade é privada de direitos básicos e da própria dignidade.

A dominação econômica, política, e social da classe burguesa, acaba por colocá-la em uma posição onde os seus ideais são confrontados pela própria realidade. Obrigada a encarar sem véus suas próprias contradições, precisa de algum modo justificar os seus interesses particulares e toda a violência que emprega como meio para alcançar tal finalidade. Para criar um mundo à sua imagem e semelhança a classe dominante precisa que as relações sociais sejam mistificadas e ocultadas em toda a sua essência, garantindo que os seus interesses particulares se apresentem como universais, e que sejam postos acima de qualquer direito básico ou desenvolvimento humano para continuar acumulando capital. Qualquer forma de arte que minimamente coloque a realidade como elemento central da construção do seu conteúdo, de uma maneira não contemplativa, mas sim reflexiva, questionadora e profunda, causa não só um imenso incômodo a classe dominante, mas também é colocada como uma ameaça real ao poder dessa classe e as suas narrativas de mundo.

Aquelas formas de arte que não se alinham a uma defesa ideológica do capitalismo, expondo minimamente a realidade da vida como ele é sob este sistema, encontram sempre a hostilidade da classe dominante e dos defensores da burguesia. Reflexões formuladas por Marx³² nesse sentido, deixam claro que essa hostilidade a certos setores da produção intelectual se dá pelo fato de que, alguns indivíduos se rebelam contra a dominação e a exploração, e que algumas das criações humanas não podem em determinados momentos se tornarem mercadorias. Ou seja, aquilo que o capitalismo não consegue domesticar e transformar em uma atividade alienada, ele difama, rechaça, e se possível destrói. Para isso, os capitalistas que se orgulham de sua democracia formal, usam de meios antidemocráticos, como a censura institucionalizada pela via estatal, para restringir a circulação de produtos culturais que questionem o seu domínio, bem como também produz o engajamento de narrativas que visam combater e

³² MARX, Karl. ENGELS, Friedrich, "Cultura, arte e literatura: textos escolhidos". São Paulo: Expressão popular, 2010.

anular o valor que qualquer obra artística e intelectual que não sirva aos interesses capitalistas.

Levando em consideração as reflexões já feitas sobre a arte no período capitalista, constatamos que uma expressão artística como o rap, não é atacada meramente por uma valoração formal, por ser um estilo musical mais ou menos ruim que outros. No rap, o que incomoda os seus críticos não é somente o perfil das pessoas que o produzem: pretas, periféricas e da classe trabalhadora, muito menos ainda a forma espontânea como os artistas do gênero criam, mas sim o que é dito por eles nas canções, o que está essencialmente no conteúdo do rap. As composições dotadas de um forte realismo (LUKÁCS, 2010) em seu conteúdo, expõem a desumanização infringidas a maiorias das populações periféricas sob o capitalismo, mas não de uma forma meramente descritiva, e sim buscando radicalmente pegar as coisas pela raiz (Marx, 2010). Os compositores lançam um olhar profundo, crítico sobre tal realidade, indo das causalidades aos efeitos, não tratando com naturalização a barbárie que é comum a sociedade capitalista, mesmo que isso coloque o rap em uma posição desagradável, justamente por não ceder aos caprichos e propósitos da classe dominante; pois o seu compromisso é verdadeiramente com a realidade.

Essa espécie de compromisso se dá através da percepção e exposição crítica da realidade, obriga a classe dominante a encarar o que essencialmente ela é, e as consequências caóticas da sociedade que ela criou, e da qual se beneficia mesmo nas mais agudas crises. O rap dá voz aos oprimidos, bem como a todos aqueles silenciados em uma sociedade em que o lucro é mais importante que suas vidas. O rap, como forma de arte, coloca de maneira acessível e didática, as problemáticas do gênero humano, que são extremamente urgentes de serem discutidas em nosso tempo. É aqui onde compreendemos que o rap como forma artística busca recuperar para a arte em geral, sobretudo para a música e poesia, a vivacidade e potencialidade na busca pelos mais altos ideais humanos na construção de sua emancipação. É a arte que mesmo em tempos hostis como o nosso, e como já eram nos tempos de Hegel e, posteriormente Marx, resiste às investidas de domesticação realizadas pela classe dominante, bem como os ataques difamatórios, e toma a responsabilidade de refletir o seu tempo com veracidade e princípios não negociáveis. O rap, em termos filosóficos colocados pelas teorias estéticas aqui analisadas, não só se mostra muito mais rico artisticamente e

caracteristicamente complexo do que a crítica burguesa tenta demonstrar, como também carrega no seu formato produtivo grandes propósitos humanísticos entrelaçados com a finalidade da arte, algo que no período de Hegel havia se perdido e a qual ele apontava somente existir na antiguidade clássica:

Já se foram bons tempos da arte grega e a idade de ouro da última Idade Média. As condições gerais do tempo presente não são favoráveis à arte. O próprio artista já não é apenas desviado e influenciado por reflexões que ouve formular cada vez mais alto a sua volta, por opiniões e juízos correntes sobre a arte, mas toda a nossa cultura lhe torna impossível, mesmo à força de vontade e decisão, abstrair-se do mundo que à sua volta se agita e das condições que se encontra sujeito, a não ser que recomece a sua educação e se retire para um isolamento onde possa encontrar o seu paraíso perdido. (HEGEL, 2009, p 25)

No nosso tempo não há paraíso perdido para os artistas, apenas a realidade e suas complexidades a qual não se pode ignorar. É fato, que o desejo da burguesia como classe dominante, é de manter toda ordem como ela está, e ela emprega toda a sua força para reprimir qualquer indivíduo, grupo ou movimento que se coloque entre ela e o seu desejo de acumulação de riquezas. Qualquer mínimo questionamento ou exposição da realidade, a qual a pequena burguesia finge não ver e a grande prefere esconder, é tomado aqui como uma ofensa grave. Por tais motivos ela sempre preferirá um tipo de arte mais dócil e branda: nada que venha causar mal estar ou ter audácia de dizer que o “mundo maravilhoso” conduzido por ela é o próprio inferno onde a maioria das pessoas tem que sobreviver.

Eu durmo pronto pra guerra

E eu não era assim, eu tenho ódio

E sei o que é mau pra mim

Fazer o que se é assim

Vida loka cabulosa

O cheiro é de pólvora

E eu prefiro rosas

E eu que, e eu que

Sempre quis com um lugar,

Gramado e limpo, assim, verde como o mar

Cercas brancas, uma seringueira com balança

Disbicando pipa, cercado de criança

How, how Brown
Acorda sangue bom,
Aqui é Capão Redondo, tru
Não é pokémon
Zona sul é o invés, é stress concentrado
Um coração ferido, por metro quadrado
(RACIONAIS, Vida Loka parte II, 2002)

Como podemos analisar através do trecho citado acima, retirado de uma canção dos Racionais MC's, não é por capricho que os rappers colocam como elemento de inspiração a realidade vivida por eles: os mesmos até gostariam de que tudo fosse diferente, que uma vida amena de paz e tranquilidade fosse possível. Como parte de um breve sonho ou devaneio, logo o compositor é alertado que tal mundo imaginado só é possível na ficção dos desenhos animados. O alerta dentro da composição que traz o autor de volta à reflexão sobre realidade, é como um chamado para direcionarmos o nosso olhar para questões prioritárias do nosso tempo. É o que de acordo com a estética hegeliana poderíamos conceituar como “despertar da alma”³³. A naturalização da violência sistêmica no capitalismo é elemento fundamental para a desumanização dos indivíduos, neste sentido o despertar da alma no rap ganha um propósito de superação do autoengano criado pelo mundo capitalista e difundido por obras descompromissadas com a realidade. É preciso colocar na ordem do dia questões essenciais ao gênero humano, que precisam ser explicitadas e debatidas com urgência, colocando a superação da alienação como ponto de partida em um processo de humanização, para construirmos uma sociedade onde a maioria da população não seja violentamente desumanizada.

Nesse sentido, o rap se coloca como uma forma de arte que traz em sua essência um manifesto por um humanismo radical. É um ponto a favor do gênero para podermos considerá-lo como uma genuína forma de arte, por atingir uma das finalidades que Hegel coloca como de extrema importância para a arte; ou seja, o “despertar da alma”:

Despertar a alma: este é, dizem-nos, o fim último da arte, o efeito que ela pretende provocar. [...] Quando sob este aspecto consideramos o fim último da arte, perguntando-nos qual seja a ação que ela deve exercer, pode exercer e

³³ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich, “Curso de estética: o belo na arte”. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

efetivamente exerce, logo verificamos que o conteúdo da arte compreende todo o conteúdo da alma e do espírito, que o fim dela consiste em revelar à alma tudo o que a alma contém de essencial, de grande, de sublime, de respeitos, a experiência da vida real [...] (HEGEL, 2009, p 32)

A arte conecta o humano com sua essência, deformada pela alienação capitalista, como aquele elemento que foi fundamental para nos diferenciar dos demais seres vivos: transformação da realidade, demonstrando que não somos máquinas ou animais, alheios ao desenvolvimento do mundo, e que o construímos através da ação prática. Mesmo que durante o processo histórico da sociedade, e que na infância da humanidade esse elemento tenha sido gradualmente amputado pelo capitalismo, a arte nos retoma essa possibilidade. E foi através de uma forma de arte como o rap, que conseguimos constatar, que o direito pleno a uma vida digna, a possibilidade de exercer as liberdades no sentido concreto foi cada vez mais sendo concedido apenas para a classe dominante, enquanto que para a classe dominada restava apenas a escravidão moderna, ou seja, transformar seus braços e mãos em ferramentas para não morrer de fome.

Várias vezes me senti menos homem
Desempregado meu moleque com fome
É muito fácil vir aqui me criticar
A sociedade me criou agora manda me matar
Me condenar e morrer na prisão
Virar notícia de televisão

Seria diferente se eu fosse mauricinho
Criado a sustagem e leite ninho
Colégio particular depois faculdade
Não é essa minha realidade
Sou caboquinho comum com sangue no olho
Com ódio na veia soldado do morro

Feio e esperto com uma cara de mal
A sociedade me criou mas um marginal
Eu tenho uma nove e uma hk
Com ódio na veia pronto para atirar
(MV BILL, Soldado do Morro, 1999)

A pobreza gerada pelo capitalismo leva ao caos social e a barbárie, que na letra citada se exemplifica pela criminalidade; percebam que mesmo a partir de uma narrativa singular, a temática do rap sente a necessidade de tratar da realidade de um modo geral, pois a realidade de muitos ainda não se transformou. Os rappers, do mesmo modo como intelectuais que se dispuseram a analisar profundamente as questões cruciais da moderna sociedade por um viés metodologicamente materialista, constataram que o problema da miserabilidade é estrutural do próprio sistema capitalista e não de desígnios divinos ou algo do tipo. Não cabe ao rap, nem o mesmo se propõe, fazer uma análise metodologicamente científica da sociedade, pois isso é papel das ciências. Mas como forma de arte, o rap não ignora questões vitais para os indivíduos do gênero humano, e aqui, não estamos falando sobre interesses particulares de uma determinada classe que forçosamente busca colocá-los como interesse universais, mas sim de questões que afetam diretamente a maioria de indivíduos humanos de uma sociedade. E de que maneira o rap coloca em voga tais questões? Através de uma representação que surge das reflexões daqueles que conhecem de perto os problemas que afetam a humanidade: a percepção da classe que nesse sistema é explorada e teve furtada a sua humanidade, pois a classe que a domina e a explora não efetivou, nem tem interesse de efetivar as promessas de liberdade plena ao gênero humano que fizeram no momento de sua ascensão. Não podendo ignorar a dura realidade que os cerca, os rappers buscam recobrar essa tal liberdade que em um sistema desumanizador, se tornou artigo de luxo. O gênero busca reconectar o humano com sua essência deformada pelo capitalismo, para que possamos reconstruir uma sociedade humanamente digna, que para Hegel, apesar das mistificações do seu sistema, é tarefa fundamental da arte na execução de sua finalidade:

Isso é o que compete à arte representar, e ela o faz mediante a aparência que, como tal, nos é indiferente desde o momento em que sirva para acordar em nós o sentimento e a consciência de algo mais elevado. Assim a arte cultiva o humano no homem, desperta sentimentos adormecido, põe-nos em presença dos verdadeiros interesses do espírito (HEGEL, 2009, p 32 p 33)

A afirmação de Hegel sobre a finalidade da arte coloca o rap em vantagem sobre os seus críticos, e a proposta de arte que eles tentam validar. Ao invés de ocultar o mistificar a realidade, o rap busca não só representá-la de modo fiel, mas também

trazê-la para o centro das atenções do público de uma maneira crítica, que o faça refletir sobre essa mesma realidade. Uma forma de arte que emerge no ápice do que conhecemos como capitalismo neoliberal, onde as crises estouram dia após dia, bem como a miséria e a violência se tornam combustíveis para um colapso iminente. Coloca-se diante dos artistas e do público, a tarefa de superar a consciência que só reflete a aparência e não essência deste mundo, e despertar a consciência de maneira mais elevada para melhor compreender a totalidade deste mundo. Mas não no sentido de uma humanidade ou liberdade pré-estabelecida por um "Espírito", aqui tal consciência se atinge quando as reflexões críticas sobre a realidade nos fazem superar a consciência alienada, que só conhece a superficialidade do mundo mediado por mistificações. O rap é assim um gênero musical que consegue movimentar grandes públicos para tratar de questões importantes do seu tempo, não só isso, consegue também ser instrumento político e pedagógico na organização da revolta daqueles que sofrem com a brutalidade do sistema capitalista. Para isso, o gênero consegue mediar o discurso politizado com uma fúria típica da juventude expressada nas canções, e que podemos denominar como “organização do ódio”³⁴. É como se através dessa relação entre forma e conteúdo o ódio perdesse seu caráter irracional, ganhando uma força crítica para movimentar as pessoas para a luta contra as injustiças, e buscar transformações amplamente necessárias à sociedade e aos indivíduos. Surge um tipo de arte extremamente necessária aos tempos de barbárie do capitalismo, com elementos que alguns teóricos e estetas colocaram como fundamentais para uma genuína forma de arte, mas que também supera antigas formulações estéticas reacionárias através do seu caráter livre de criação e transformação. Veremos no capítulo seguinte o que de fato dá forma ao rap: como é configurada a mediação com o seu conteúdo e sua relação com a realidade objetiva.

³⁴ Paulo Galo em entrevista para o programa 20 minutos, transcrita no portal Opera Mundi, 27 set. 2021 “Meu trabalho é organizar o ódio”.

4. O RAP E A QUESTÃO DA REALIDADE OBJETIVA NA ARTE

Como foi possível constatar ao longo do texto, a crítica quando se refere à música rap, busca justificar sua argumentação, criando em um primeiro momento uma divisão entre forma e conteúdo. Tal movimento serve para que superficialmente ela possa aparentar que sua análise do gênero é puramente técnica e não ideológica. Justificando assim o ponto de partida da análise por um isolamento da forma em relação ao conteúdo, os críticos buscam se eximir previamente de qualquer culpa ou contra-argumentação que exponha a intencionalidade enviesada do seu discurso. A função desse isolamento é criar a impressão de que há uma imparcialidade discursiva na análise, além de marcar posições claras do domínio cultural de uma determinada classe, colocando-a como única autoridade capaz de determinar o que é, e o que não é arte. Para essa classe, a arte deve buscar sua inspiração em temas agradáveis e amenidades, ou seja, o conteúdo da arte para a classe burguesa deve ser mera reprodução de sua concepção de mundo alienante e alienada, levando o processo artístico a um esvaziamento de realidade objetiva, onde a arte não deve se ocupar de questões centrais que fazem parte da vida social. Tal cisão que busca isolar a forma do conteúdo é um mero artifício, pois, involuntariamente, ou não, a crítica sempre se volta para o conteúdo, como pudemos perceber ao longo do texto.

Lukács (2018, p.170) aponta que já nas formulações de Hegel sobre a arte, a relação entre forma e conteúdo é de uma recíproca conversão, ou seja, uma depende da outra para existir. Todo conteúdo se converte em uma forma, e toda forma só pode existir a partir de um conteúdo e sua relação com ele. Partindo dessa conceituação podemos compreender melhor o que a materialização das canções de rap reproduzem, e o que de fato o rap é como produto final, como forma de arte no sentido geral. Partimos do ponto de vista em que a realidade objetiva existe independentemente da consciência dos sujeitos, e que a arte é uma forma de reflexo desta mesma realidade, assim como também a ciência. Como afirma o filósofo húngaro, esse reconhecimento da objetividade do mundo exterior é a base de um correto conhecimento da realidade, seja ele da natureza ou da sociedade (LUKÁCS, 2020). Assim como o reflexo científico, o reflexo estético deve ser o mais fiel possível à realidade. Ainda que haja essa

similaridade em relação ao conteúdo, o reflexo artístico e o reflexo científico se diferenciam na forma, como é conceituado aqui por Lukács:

O reflexo artístico da realidade parte das mesmas contradições que qualquer outro reflexo da realidade. Sua especificidade consiste em procurar para sua resolução um caminho diferente do reflexo científico. A melhor maneira de definir esta característica específica do reflexo artístico é partir abstratamente do objetivo que coloca a si mesmo, de forma a iluminar as condições para atingir esta meta. Este objetivo está em toda grande arte: apresentar uma imagem da realidade na qual a contradição entre aparência e essência, entre particular e universal, entre imediato e conceitual, etc., é resolvida de tal forma que os dois extremos coincidem em uma unidade espontânea na impressão imediata da obra de arte, que forme para o receptor uma unidade inseparável. (LUKÁCS, 2020, p.07)

Assim como a ciência deve tratar dos seus objetos com rigor para chegar o mais próximo da verdade e disso extrair conceitos e teorias, as grandes obras de arte devem também refletir em suas formas a realidade objetiva de maneira coerente. Capturada pela consciência do artista, a realidade é o ponto de partida para a conversão da forma em conteúdo e conseqüentemente a materialização das obras. Uma obra genuína é construída pelo artista através dessa conversão recíproca e não mecanicista entre forma e conteúdo, mas deve haver o mínimo de honestidade em relação à consciência da realidade objetiva refletida por ele nessas obras. No caso de um falseamento dessa mesma realidade, podemos levar em consideração dois pontos, o primeiro é que ele pode ter sido produzido por uma consciência alienada da realidade, ou seja, a reprodução de maneira equivocada e não intencional das ideias que pertencem a uma classe dominante, mesmo que o artista não faça parte dessa classe. O segundo ponto não diz respeito a uma falsa consciência da realidade, mas sim por uma apologia consciente dos interesses da classe dominante, geralmente concretizados em interesses mercadológicos, tanto de artistas, quanto pela crítica. Na intenção de adequar a sua arte para o mercado, alguns indivíduos buscam fazer tal movimento de adaptação a essas ideias da classe dominante. No caso da crítica, há tanto a defesa ferrenha dos seus interesses de classe, quanto um mercenarismo editorial: talvez, alguns profissionais não compartilhem daquelas ideias, mas as divulgam para se manterem em seus postos de trabalho e garantir alguns micros privilégios. O movimento que a classe dominante faz para criar regras a priori que visam fundamentar a prática artística ao seu modo, serve como uma tentativa de anular validade de formas de arte que refletem a realidade objetiva tal qual ela é. É uma tentativa frustrada de domesticar toda e qualquer arte que

a desagrade, o que demonstra também o seu caráter anti-histórico e anti-progresso, sendo contra qualquer forma de emancipação plena e concreta da humanidade.

Algumas das várias motivações que levam a burguesia a travar essa cruzada ideológica contra formas de arte como o rap foram amplamente demonstradas neste texto, mas para elucidarmos a relação entre forma e conteúdo do rap, se faz necessário voltarmos a essa questão da relação entre ideologia e realidade objetiva. É perceptível que a classe dominante busca sistematicamente produzir propaganda dos seus interesses ao invés de produzir ciência e arte. Quando ela exige através da crítica que artistas falseiem seus pontos de vista e a própria História, só nos resta fazer a crítica da crítica e tentar reconstruir o caminho para a essência da verdadeira arte. Tanto Lukács, quanto Marx e Engels em seus escritos estéticos (2010) em que fundamentaram o que seria genuínas obras de arte, se dedicaram por vezes a construir suas análises a partir do gênero literário do seu tempo: podemos nos valer dessas análises para desvendar as categorias de forma e conteúdo da música rap e sua relação com a realidade objetiva. Pudemos perceber pela análise das canções, que o rap tem em sua estrutura elementos da prosa que se relacionam com a poesia e dão origem a poética realista do rap. A partir das análises literárias de Marx e Engels, nós temos conceito de realismo (2010), que será indispensável a partir desse ponto das nossas reflexões. De acordo com Lukács o realismo não é uma entidade mística que faz o artista ser tomado por um arrebatamento de genialidade artística irracional, mas sim, um conceito complexo desenvolvido de maneira muito coerente por Marx e Engels:

Trata-se, antes de mais nada, daquela honestidade estética incorruptível, isenta de qualquer vaidade, própria dos escritores e artistas verdadeiramente grandes. Para eles, a realidade de, tal como ela é, tal como se revelou em sua essência após pesquisas cansativas e aprofundadas, está acima de todos os seus desejos pessoais mais caros e mais íntimos. (LUKÁCS, 2010, p.33)

Tal honestidade estética é uma tomada de posição ética do artista diante da realidade do mundo, de demonstrá-la como de fato ela é, de não falseá-la ou simplesmente ignorá-la, como deseja a classe dominante. Esse movimento de honestidade estética no caso do rap foi construído de modo espontâneo: Era preciso não se limitar a construir uma obra esvaziada de reflexões sobre a realidade, como se o conteúdo que se converte em forma pelo processo artístico da criação, fosse apenas

fruto das impressões sensíveis imediatas e individuais do artista, como uma espécie de gênio inacessível aos homens comuns e dotado de uma superioridade que o apartaria do mundo e da vida real cotidiana: e esse artista nos daria a sua resposta pré formulada do que a realidade é, sempre a partir do puro pensamento, e como bem sabemos isso geraria falsas impressões da realidade. No rap, o que temos, é na verdade que os artistas tomaram uma postura na concretização da forma, em que o seu conteúdo parte justamente de uma realidade tão gritante, tão perceptível, que não pode ser ignorada, no processo de criação da sua arte. O rap, quando materializado, trás a luz não somente um revelar da verdadeira essência contida na aparência fenomênica do mundo, mas a partir do reflexo estético ele faz uma contraposição crítica ao falseamento da realidade para a manutenção da ordem.

E Direto do hospício que chamam de favela
Aqui mais um maluco que não acredita em novela
Se a vida é bela, na tela tudo bem
Quem é louco como eu veste a camisa de força também
Minha loucura é simples de ser compreendida
Me transformaram em canibal preto suicida
Inconformado mensageiro da verdade
Vendo o povo agonizando às margens da sociedade
Que massacra destrói humilha
Transforma seu filho em ladrão e prostitui sua filha

Te escraviza te humilha te mata
Enquanto o verdadeiro ladrão usa terno e gravata
Não manuseia fuzil nem escopeta
Mata milhões de brasileiros só com uma caneta
Fica impune, não vai preso
Ele não é pobre (não) não é preto
Se for condenado fica em cela separada
Com televisão frigobar e água gelada

Criminoso com nível superior
Financia a guerra o ódio o rancor
A burguesia faz questão de não entender
Disca 1-9-0 e manda os home me prender

O sociólogo me ouve e fica puto
Diz que esse bagulho de rap é coisa de maluco
Analfabeto ignorante sem cultura
Diz que quem é sábio com favelado nunca se mistura

Quem diria, que sabedoria
Estudou em outro país agora tem pavor da maioria
Mv bill um maluco chapa quente
Que não aceita as covardias assim tão facilmente
Eu to ligado que a elite me odeia
Me chama de bandido e diz que mulher preta e feia
Eu na cadeia sentiriam até pena
Menos um problema e mv está fora de cena
O pesadelo que a elite não quer ter
Bater de frente com alguém da CDD [...]
(MV BILL, Camisa de força, 2002)

Na canção “Camisa de força” do rapper carioca MV Bill, podemos observar bem a contraposição do rap em relação ao conjunto de ideias, crenças, valores, concepções de mundo e explicações da realidade da classe dominante. O rapper coloca toda a sua acidez e ironia no início da canção, onde compara a favela a uma instituição manicomial, um lugar socialmente de exclusão e extremamente desumanizador. Outro ponto que o rapper enfatiza, é sua postura crítica diante dos problemas sociais, encarando-os como parte da estrutura que fundamenta o país retratado em sua canção. MV Bill, que prefere ser considerado “maluco” do que acreditar no falseamento da realidade produzido pelos produtos culturais da grande mídia, como as novelas por exemplo: em que a vida é retratada de uma maneira bem mais pacífica e harmônica, bem diferente do que na realidade de fato é. A crítica contra a deslegitimação do rap como forma de arte é um dos pontos chave da canção: essa deslegitimação feita por diversos setores da burguesia, bem como seus intelectuais, representado na figura do sociólogo, que na letra relaciona o rap com a falta educação formal e de cultura. A disposição radical que o rapper coloca em sua música é fundamental para compreendermos como funciona a forma específica do rap e sua relação com a realidade: começando pelo título, em que o mesmo toma para si o adjetivo de “maluco” por usar a “Camisa da força”, que nada mais é que, a audácia de expor a culpa que a

elite tem nos problemas sociais brasileiros. Percebam, a crítica da música passa justamente pelo ponto de que na sociedade capitalista, aquele que expõe a verdade é tratado como alguém desprovido de sanidade mental, que o normal é estar preso à própria alienação. Diferentemente dos produtos culturais que agradam a classe dominante, não é intenção da canção do rapper ocultar a verdade ou descrevê-la de uma maneira em que seu relato poético se descole da realidade, como em mundo paralelo.

Tanto esse exemplo, como o de outras canções do gênero, nos demonstram que para a música rap era necessário soar de uma maneira agressiva e forte, não apenas como um recurso artificialmente estilístico, mas pelo fato de que o conteúdo, que é colocado como central na arte, não pode ser ignorado. A compreensão da realidade por vezes não é acessada de maneira objetiva pelos indivíduos pertencentes a classe social que sofre na pele profundamente com os problemas que acontecem na própria realidade. É preciso compreender que a postura irracionalista (SANTOS NETO, 2013) da burguesia diante da realidade, não sendo mera obra do acaso, em algum momento acarretaria em uma resposta dos oprimidos.

Já o Rap, que saiu do âmbito dos discos, filmes e bailes e explodiu pelas ruas, seu gabinete de reflexões e interferências no social deveria ser pensado, antes de tudo, como instrumento de intervenção na realidade. Configurou-se como uma estética do problema, em que se narram episódios de violência, de consumo de drogas e da dinâmica social do comércio de drogas lícitas e ilícitas, das péssimas condições de vida nos bairros periféricos e pobres (e o contraste destes com os bairros privilegiados), das condições de miséria e abandono e de acesso precário aos serviços públicos. São temas, em suma, que priorizam o cotidiano e as situações de “marginalização”. O rap seria então, segundo alguns de seus músicos, a canção da reflexão, da luta e da tomada de consciência. (OLIVEIRA, 2015, p.48)

A estrutura das canções de rap são construídas a partir da apreensão e compreensão de uma sociedade em colapso devido ao caos social, fruto de um sistema econômico desumanizador como o capitalismo. A única maneira que os rappers encontraram para materializar o conteúdo, que tinha seu ponto de partida a realidade social apreendida, era construir uma forma-canção que fosse constituída de elementos específicos: que atraíssem e fixassem a atenção do ouvinte para o que era dito. Nesse ponto, poderíamos até considerar uma certa semelhança com o samba, a partir de seus diversos modelos heterogêneos musicais, sobretudo no subgênero “Partido alto”, que já trabalhava como um elemento gerador do seu conteúdo, à realidade social do Brasil a

partir do cotidiano periférico. Mas como perspicazmente sintetiza Acauam Oliveira; o rap se contrapõe a algumas posições evidenciadas no samba. De fato, o rap, consegue conectar diversos elementos da música negra em sua construção, como a black music brasileira (Tim Maia, Cassiano, Jorge Ben etc.) e o samba: sendo o samba uma de suas importantes fontes de conexão com uma estética negra e periférica, afinal, são muitas similaridades entre elas: o ponto de partida do conteúdo, como pode ser notado em algumas letras, a ritmação percussiva a partir de uma base repetitiva, que pode, ou não, sofrer alterações ao longo da canção. Mas tal tributo pago ao samba, não incorreu em fazer o que já havia sido feito pelos sambistas, e sim criar algo novo, que não soasse com o que já havia sido feito na música anteriormente. O rap, que partia da mesma realidade social que o samba, precisava soar diferente, ou seja, não ser mais do mesmo. Além do que, o samba, em seu percurso sofre uma apropriação político/ideológica pelas elites, se transformando em instrumento de dominação cordial, fundamental na construção de uma identidade cultural brasileira pautada na “mestiçagem” e em elementos de conciliação, de raça e classe, como bem aponta Acauam Oliveira no Prefácio do livro sobre o disco “Sobrevivendo no Inferno dos Racionais MC’s”.

Note-se que a novidade não está necessariamente na incorporação das vozes dos marginalizados ao campo da música popular, uma das marcas mais poderosas da canção brasileira, e que a distingue de maneira radical de outras artes como a literatura e o cinema, é o protagonismo popular. Porém, ao contrário de outros gêneros — como o samba, por exemplo —, o sujeito que fala no rap não pode ser incorporado enquanto símbolo de uma coletividade nacional. (OLIVEIRA, 2018, p.08)

O rap em conexão com elementos de suas raízes nos ritmos ancestrais e na música negra, constrói a sua forma a partir de uma ressignificação emergente do que é a canção no seu sentido tradicional. Por mais que o rap pague esse tributo a seus antecessores, como o samba, ele busca se distanciar no sentido em que é criada uma nova forma de arte muito mais firme em propósitos de conscientização dos indivíduos sobre sua real condição. A emergência do tempo em que o rap surge, exigiu que ele fosse além, que trouxesse sua forma como afirmação de uma necessária radicalidade discursiva, colocando em cena tudo aquilo que era ignorado ou tratado de maneira superficial pela elite, e o que não era compreendido pelos explorados e subjugados.

Desde o princípio o rap nacional vai se reconhecer enquanto gênero cantado por negros que reivindicam uma tradição cultural negra por meio de um discurso de demarcação de fronteiras étnicas e de classe que denuncia o aspecto de violência

e dominação contido no modelo cordial de valorização da mestiçagem: “A fúria negra ressuscita outra vez”, como diz Mano Brown em “Capítulo 4, versículo 3”. (OLIVEIRA, 2018, p.08)

Era necessário que aquela realidade, ora ocultada pelo desejo da elite de manter as relações de dominação e exploração, fosse cada vez mais acessada pelas pessoas, muitas dessas que até presenciavam tal realidade, mas por estarem tão submersas nela, não conseguem desvendá-la, e ter uma real consciência das explorações e violências cotidianas sofridas. Muitos jovens da periferia, como relata Mano Brown no início da canção Gênesis, tinham apenas “uma bíblia véia, uma pistola automática e um sentimento de revolta” (RACIONAIS, Gênesis, 1997). Rappers como Mano Brown, MV Bill e tantos outros, conseguiram materializar genialmente o rap como uma forma de arte potente e extremamente conectada com o seu tempo, aliando um discurso forte, que remete a oratória radical de revolucionários como Malcolm X, e um reflexo aprofundado da realidade apreendida, tratando essa mesma realidade de maneira firme e séria, sem qualquer passividade ou neutralidade diante dos acontecimentos vistos e vividos:

[...] o grande artista não representa coisas ou situações estáticas, mas investiga a direção e ritmo dos processos, cumpre-lhe, como artista, definir o caráter de tais processos. E, numa tomada de consciência deste gênero, já está implícita uma tomada de posição. (LUKÁCS, 2010, p.30)

Essa mistura explosiva, que causa tanto pavor na elite, é que tornou o rap tão grandioso como forma de arte, capaz de despertar os mais diversos sentimentos e opiniões com quem tem contato com o gênero. De fato, depois de ouvir algumas canções clássicas do gênero já não se pode voltar atrás e encarar novamente o mundo da mesma maneira. Como bem lembra a canção dos Racionais, “as palavras nunca voltam vazias” (RACIONAIS - Da ponte pra cá, 2002). Podemos perceber que no rap há um “Triunfo do realismo” (LUKÁCS, 2010), conceito criado por Marx e Engels em suas análises sobre obras literárias como as de Balzac: em tal conceito, segundo Engels, poderíamos evidenciar, em suas obras, um dos traços mais valiosos do velho Balzac, se dava justamente pelo fato de “[...] que ele se viu forçado a escrever contra suas próprias simpatias de classe e preconceito políticos” (Engels, 2010 p.69). Marx e Engels colocam Balzac como um grande artista pelo seu movimento de ir contra suas

convicções ideológicas, buscando captar de maneira honesta o movimento real do seu tempo e refleti-lo objetivamente em suas obras. O rap, pode sem prejuízo algum ser colocado no patamar de grandes obras do realismo, e isso se dá não por uma construção de uma forma de arte de tendência, colocando ideologias políticas do autor acima de qualquer exame crítico da realidade, e que levaria isso para o reflexo estético, mas sim pelo fato de que a tendência aflora no rap de forma natural. A naturalidade da tendência se dá justamente pelo fato dos rappers se posicionarem criticamente em favor de uma transformação da realidade, justamente pelo fato de se haver a necessidade real de tal transformação. Podemos observar que não é necessário que os rappers distorçam a realidade objetiva, com intuito de demarcar suas posições ideológicas: quando a tendência brota organicamente da essência artística da obra, ou seja, quando o reflexo artístico é o mais fiel possível a realidade apreendida, temos aqui uma grande obra de arte. O genial Mano Brown em uma entrevista para o Red Bull Station, quando perguntado foi perguntado sobre o momento em que a música do Racionais atingem outras classes sociais, explicita bem o que é essa organicidade e como ela se fundamenta no realismo, mesmo diante da hipocrisia de setores da pequena burguesia (classe média) tem diante dos problemas mais comuns que a população periférica sofre:

Eles não vê porque eles tava cego. Tava na cara deles. Eles não encontravam com os moleque no farol, eles já não tinham visto assalto, já não tinham visto favela multiplicando na cidade? Eles não acompanham noticiário? Ele não vê o cara que tá na casa dele trabalhando pra ele, tirando a sujeira dele, ele não vê? Ele tá cego. Como é que cê ignora a pessoa que tá na sala da sua casa, cheia de problema, triste, de cabeça baixa. Cê não percebe? E se fosse com eles? Então o cara não é um móvel, é um ser humano. Tá cheio de gente triste por aí cara, cê num tá vendo? Uma pá de gente triste aí, os bar lotado, criança embaixo de ponte. Puta rebelião, morrendo gente pra caralho e ceis tão aonde, parceiro? Na França? Então quando o Racionais veio falando o óbvio, a sociedade chega e "os cara é foda!". Foda o quê? Eu sou semi-analfabeto, parceiro. Eu falei o óbvio. Puta país racista do caralho, só patifaria. Nós falamos o óbvio. (Racionais MC's no Red Bull Station, 2017)

É notório que o rap corresponde às exigências necessárias para se caracterizar em uma genuína forma de arte, e alguns rappers podem, sem prejuízo algum, serem colocados no patamar de grandes artistas da humanidade. O diferencial do rap comparado a alguns outros gêneros musicais e até outras formas de arte, é que fundamentalmente, ele retrata de maneira mais honesta, vívida e crítica o tempo em que

ele surge. Assim como a arte grega só poderia surgir na sociedade grega, com as condições sociais e relações de produção específicas daquela sociedade (Marx, 2010, p.128), o rap surge e vai construindo a sua forma a partir das condições impostas pelo mundo capitalista, exploração do trabalho, miséria e violência. Se o conteúdo do rap não tivesse se transformado em uma forma radical e “agressiva”, muito provavelmente toda aquela realidade óbvia, como bem ressaltou Mano Brown, continuaria a ser ignorada por quem se beneficia das relações de dominação, e não seria compreendida por quem se encontra nas condições de explorado. O rap abriu os olhos e conseguiu despertar a consciência pelo barulho que fez. Portanto, a partir da categoria do realismo, trabalhada pelos autores marxistas, conseguimos compreender a importância do rap em desvendar os fenômenos do mundo atual e revelar toda sua essência, bem como o que condiciona o caos social vividos em tempos de barbárie capitalista. A característica fundamental que condiciona a criação do rap, a realidade social, é o que estetas como Lukács colocam como essencial para a criação de uma genuína obra de arte. Pois bem, não é exagero, quando colocamos o rap no patamar de grandes obras do realismo literário, o próprio Lukács nos dá o parâmetro com o qual podemos afirmar com convicção, que todos pontos importantes para categorização do gênero como uma genuína forma de arte, não são mera questão de opinião.

A verdadeira arte visa ao maior aprofundamento e a máxima abrangência na captação da vida em sua totalidade onicompreensiva. A verdadeira arte, portanto, sempre se aprofunda na busca daqueles momentos mais essenciais que se acham ocultos sob a superfície dos fenômenos, mas não representa esses momentos essenciais de maneira abstrata, ou seja, suprimindo os fenômenos ou contrapondo-os à essência; ao contrário, ela apreende aquele processo dialético vital pelo qual a essência se transforma em fenômeno, se revela no fenômeno, mas figurando ao mesmo tempo o momento no qual o fenômeno manifesta, na sua mobilidade, a sua própria essência. Por outro lado, esses momentos singulares não só contêm neles mesmos um movimento dialético, que os leva a se superarem continuamente, mas se acham em relação uns aos outros numa permanente ação e reação mútua, constituindo momentos de um processo que se reproduz sem interrupção. A verdadeira arte, portanto, fornece sempre um quadro de conjunto da vida humana, representando-a no seu momento, na sua evolução e desenvolvimento. (LUKÁCS, 2010, p.26)

Os artistas do rap, cumpriram em seus termos, as exigências que fazem deles grandes realistas, seguindo, desde o princípio, “a tentativa apaixonada e espontânea de captar e reproduzir a realidade tal como ela é, objetivamente em sua essência” (LUKÁCS, 2010, p.29). Ao tornar sensível às suas obras, demonstraram que a emergência de tempos de crise exige radicalidade, principalmente dos explorados e

marginalizados. Uma vez desvendado o processo de relações recíprocas de conteúdo e forma, bem como as questões sobre o rap e a realidade objetiva, podemos nos ater ao exame mais aprofundado do que seria o despertar da consciência a partir da arte: processo que demonstramos inicialmente na estética de Hegel, mas que ganha uma objetividade maior em Lukács. Também, nos voltaremos para entender as possibilidades que podem ser geradas a partir dos desdobramentos desse despertar da consciência, já que o rap em sua essência sempre colocou em pauta a emancipação humana e as transformações sociais.

5. CONCLUSÃO

Além disso, toda obra de arte pertence a uma época, a um povo, a um meio, relaciona-se com certas representações e fins, históricos ou não, obrigando o estudioso de arte a possuir vastos conhecimentos, simultaneamente históricos e muito especializados, dado que a natureza individual da obra artística contém pormenores particulares e especiais indispensáveis para sua compreensão e interpretação. (HEGEL, 2012, p.62)

As afirmações de Hegel, em seu Curso de Estética, sintetizam de maneira coerente o ponto de partida de nossas reflexões sobre o rap. Bem, nem tudo que pertence a um povo, seu meio e seu tempo histórico, podem ser considerados uma obra de arte, mas, inevitavelmente, toda obra de arte, nasce, se configura ou simplesmente se ressignifica a partir justamente daquilo que um determinado povo consegue apreender do seu meio e do seu tempo histórico. Surgido como manifestação orgânica de uma juventude que possui cor e classe social definidas, *o Rap foi produto de uma prática cultural que se constituiu (ao menos inicialmente) à margem de esquemas formais de regulação e documentação da cultura* (OLIVEIRA, 2015). A partir da sua prática, por inúmeros jovens de diversas localidades no mundo inteiro, o rap tornou-se a voz dos excluídos, materializando objetivamente em música todas as vivências cotidianas e percepções da realidade e da própria vida social. Estar emergido em uma realidade fenomênica, não garante a compreensão aprofundada da essência desses fenômenos. A realidade objetiva que existe independente da consciência dos indivíduos (LUKÁCS, 2020) já era pesquisada pelas ciências, tanto no âmbito da natureza, quanto no âmbito social pelas ciências humanas, no caso das ciências humanas, já se realizava de forma teórica alguns questionamentos levantados pelo rap em suas canções, principalmente sobre as condições de vida da população negra e periférica, sobre a luta de classes, explosão da violência, tráfico de entorpecentes, relações de poder, dominação, exploração, e diversas outras mazelas sociais fruto do sistema econômico capitalista. A grande revolução do rap não foi somente em falar aquilo que já era percebido ou compreendido pelo reflexo científico (LUKÁCS, 2018), mas de trazer para a centralidade das discussões os sujeitos que sofriam as opressões:

Sua radicalidade e seu senso de “missão” (afinal, “rap é compromisso”, já dizia Sabotage) ajudaram a desenvolver um espaço discursivo em que os cidadãos periféricos puderam se apropriar de sua própria imagem, construindo para si uma voz que, no limite, mudaria a forma de enxergar e vivenciar a pobreza no Brasil. (OLIVEIRA, 2018, p.08)

É um ponto crucial onde há o despertar de uma consciência, uma ruptura, onde os oprimidos deixam de ser apenas objeto para o outro, para o sujeito que pesquisa, que a partir de impressões de fora dessa comunidade busca construir a identidade e cultura de um povo, colocando-as como apenas produtos de um meio a qual não podem transformar. O rap reconfigura a proposta de apreensão e compreensão da realidade pelo sujeito receptivo, a partir de uma prática artística insurgente, que constitui uma quebra em relação a antigos parâmetros estéticos, pois tal prática artística surge das condições materiais dos sujeitos. Essa é uma proposta subversiva de arte, que não requer somente o prazer estético por si só, mas a autoconscientização do sujeito, e a compreensão do meio a qual ele faz parte, e que é apreendido a partir do reflexo estético da realidade objetiva: buscando espontaneamente um movimento em que a classe oprimida construa um pensamento sobre si mesmo, suas condições e seu destino, superando o auto-engano gerado pela divisão social do trabalho (MARX, ENGELS, 2009), onde a existência da classe explorada é submetida aos desígnios ideológicos e materiais dos exploradores.

O reflexo estético cria, por um lado, reproduções da realidade nas quais o ser em-si da objetividade é transformado em um ser para-nós do mundo representado na individualidade da obra de arte; por outro lado, na eficácia exercida por tais obras, desperta e se eleva a autoconsciência humana; quando o sujeito receptivo experimenta - da maneira acima referida - uma tal realidade em si, nasce nele um para-si do sujeito, uma autoconsciência, a qual não está separada de maneira hostil do mundo exterior, mas antes significa uma relação mais rica e mais profunda de um mundo externo concebido com riqueza e profundidade, ao homem enquanto membro da sociedade, da classe, da nação, enquanto microcosmo autoconsciente no macrocosmo do desenvolvimento da humanidade. (LUKÁCS, 2018, p.269)

A busca pela conscientização da condição humana através da arte é um ponto de comum acordo nos filósofos e textos consultados aqui, a arte deve refletir em suas formas os dramas humanos, para que disso possamos nos colocar em uma posição de autoconsciência sobre o que nos acontece e sobre o mundo em nossa volta. Como bem ressalta o rapper Dexter “o rap é a única música que reúne multidões pra falar de consciência”³⁵, e apesar da força da expressão “única”, não quer dizer que essa busca pela conscientização seja exclusividade do rap, mas foi algo que desde o início fundamentou o gênero, e permanece até os dias de hoje, mesmo com as extremas

³⁵ FAVELA NO AR. Documentário, 2007.

investidas da indústria fonográfica para mercantilizar o rap. Os rappers pautaram o seu fazer artístico justamente em movimento de reflexo da realidade: *O rapper seria, então, não apenas um músico, mas um agente da transformação social* [...] (OLIVEIRA, 2015). Ainda assim, os rappers não deixariam de serem músicos, nem artistas, pelo fato de proferirem discursos engajados em suas canções, pois é papel de uma genuína obra de arte de trazer reflexões importantes sobre a humanidade, bem como o período em que está se desenrolando todo o seu desenvolvimento:

Mas o homem está preso também a relações práticas com o exterior, relações de que também provém a exigência de transformar o mundo, e assim também ele próprio, na medida em que ao mundo pertence e lhe imprime o sinal da sua personalidade. (HEGEL, 2012, p.51)

A arte exige essa exteriorização em suas formas, para que os indivíduos possam reconhecer e conhecer a si mesmos, de uma maneira mais profunda, atingindo o âmago de situações, que talvez fossem apenas vividas no cotidiano sem serem refletidas pelos mesmo indivíduos. Para o rap, era necessário (e ainda é) essa postura de trazer os temas mais urgentes para a população periférica: a realidade vivida por muitos, as opressões sofridas, e a violência que deixa sempre uma “dona Maria” de luto, pois todos os dias jovens negros e de periferia são assassinado brutalmente no Brasil, fazem do humanismo, não só um princípio artístico, mas uma essência fundamental para o rap. Mesmo sabendo que as condições não foram escolhidas pelos indivíduos que as vivem, marginalizados e oprimidos, buscando sob as circunstâncias que encontraram na materialidade do hostil mundo capitalista, realizam a necessidade de contar as próprias histórias, bem como a de fazer a própria história.

Os rappers ao invés de usarem toda a suas potencia para transformar o sentimento de revolta por sua condição em uma autodestruição, seguindo o caminho para qual são empurrados jovens negros e pobres, materializaram em suas canções tudo o que parece estar por anos preso em suas gargantas e consciências, diria até mesmo por séculos, já que não é um grito que os representam de uma maneira solo no mundo, mas que representa milhares de pessoas que resistiram e resistem as mesmas condições extremamente violentas de existência. Esse humanismo radical, que o rap propõe em sua estrutura como recuperação da humanidade suprimida pela exploração capitalista, e

a possibilidade da reconstrução do gênero humano a partir de novas perspectivas, trazendo para a cena como atores principais da História, os oprimidos explorados, é fundamental para criar um genuína forma de arte e um verdadeiro artista:

Ora, a *humanitas* - ou seja, o estudo apaixonado da substância do homem - faz parte da essência de toda literatura e de toda arte autênticas. Não basta, para que sejam chamada de humanistas, que estudem apaixonadamente o homem, a verdadeira essência de sua substância humana; é preciso também, ao mesmo tempo, que elas defendam a integridade do homem contra todas as tendências que a atacam, a envilecem e a adulteram. Como todas essas tendências (e, naturalmente, em primeiro lugar, a opressão e a exploração do homem pelo homem) não assumem em nenhuma sociedade uma forma tão inumana como na sociedade capitalista - exatamente por causa caráter reificado e, portanto, aparentemente objetivo -, todo verdadeiro artista ou escritor é um adversário instintivo destas deformações do princípio humanista, independentemente do grau de consciência que tenham de todo este processo. (LUKÁCS, 2012, p.19)

A incontestável defesa da humanidade que encontramos no rap, recupera para a arte o seu próprio papel, que foi perdido ao longo desenvolvimento do capitalismo. Como bem formulou Marx “[...] A produção capitalista é hostil a certos setores da produção intelectual, como a arte e a poesia” (2010), é perceptível, principalmente no período atual de desenvolvimento do capitalismo, que aquelas formas de arte que não podem ser transformadas em mercadoria são constantemente, assediadas, excluídas e censuradas. Todo esse processo, próprio do sistema capitalista, que deseja engolir tudo, aconteceu no cinema, na literatura e principalmente na música. E o rap ressignificou o princípio norteador, de que a arte deve de modo crítico, refletir a realidade objetiva em suas formas: trazendo de uma maneira acessível para os apreciadores, que não se seriam meros receptores passivos, as situações e problemáticas relevantes de seu tempo histórico, trabalhando a perspectiva de transformação da realidade social. Outro ponto, é que o rap como forma de arte coloca para seu ouvinte a possibilidade levantada por seu artistas e partilhada por demais partícipes e entusiastas dos movimento Hip-Hop, de construir um humanismo radical, fundamentado em uma autoconsciência do indivíduos, em que as expressões artística, como o próprio rap, refletindo de maneira coerente a realidade social, abriria a possibilidade de superação de uma consciência alienada, e enquanto classe, os indivíduos que percebessem refletidas em canções as situações semelhantes que encaram no cotidiano, e buscariam compreender de uma maneira profunda a sua condição social no mundo e quais as suas causas.

A tomada de consciência, que é um ponto fundamental no processo que envolve os artistas e o público, vai além da apreciação estética, que no rap não deixa de existir. E essa tomada de consciência nada mais é do que; [...] *o reflexo da realidade, que existe independentemente da consciência, nas ideias, representações, sensações etc, dos homens* (LUKÁCS, 2018). Ou seja, a realidade refletida nas letras não são mera invenção, idealização ou deformação da realidade pelo autor: a verdade que o rap carrega em cada verso, desvendando que a amplitude de uma história particular é como de tantos outros indivíduos, que são parte de uma estrutura que capitalismo gerou. É possível compreender que as histórias particulares contadas nas canções, se entrelaçam com a história de tantos outros jovens que vivem as mesmas situações e em condições semelhantes. Autoconsciência também se realiza no processo em que o singular se converge em universal, sendo mediado pela categoria estética da particularidade (LUKÁCS, 2018), não de uma maneira simplista, mas pelo fato de elucidar questões que envolvem a própria essência das condições de existência e da classe social a qual o indivíduo que canta e que ouve a canção pertencem. Reconhecendo-se como parte de uma classe oprimida explorada, o povo periférico, trabalhadores e trabalhadoras, poderão abrir a possibilidade histórica de reorganizar as suas forças para a luta pela emancipação humana total. Tal possibilidade só poderá se realizar partindo da classe há quem interessa de fato emancipar-se, não somente como classe, mas como humanidade no sentido universal, brilhantemente Marx aponta tal fato em sua "Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel: Introdução”:

Não há classe da sociedade civil que possa assumir esse papel se não suscitar dentro de si e das massas um ímpeto de entusiasmo, um ímpeto em que confraterniza e converge com a sociedade em geral, confundindo-se com ela, percebendo-a e reconhecendo-a como sua representante universal; um ímpeto em que as suas reivindicações e direitos correspondem na verdade, aos próprios direitos e reivindicações da sociedade, em que constitui de fato o seu cérebro social e o seu coração social. É só em nome dos direitos universais da sociedade que uma classe determinada pode reclamar para si o domínio universal. (MARX, 2010, p.50)

Nesse ímpeto, coube, e ainda cabe, ao rap, trazer as reflexões de forma crítica e coerente sobre a realidade objetiva, não dando as costas para problemas essenciais do seu tempo. A proposta da emancipação humana radical a partir de uma revolução social, está na gênese do próprio rap: não pelo fato de haver uma consciência política com uma forte base teórica marxista, ou alguma outra teoria progressista por exemplo, mas sim,

porque em suas letras as reflexões sobre a realidade social não são omitidas ou distorcidas, o que colocam a emergência da transformação da realidade como um dos pontos centrais de sua prática artística. O “triunfo do realismo” (Engels, 2010) que outrora colocaram escritores como Shakespeare e Balzac na posição de grandiosos artistas da humanidade, tem o seu renascimento através dos grandes nomes do rap brasileiro, que souberam captar bem o que acontecia no seu bairro, no seu país, e também no íntimo dos seus semelhantes. Todas as dores, alegrias e necessidades mais urgentes do seu tempo foram captadas no rap, apresentando para todos a realidade como ela verdadeiramente é, e não como as ilusões heróicas e a ideologia da burguesia diz ser. É ponto pacífico, principalmente na estética revolucionária, ou marxista, a afirmação que nenhuma forma de arte por si só fará transformações estruturais na sociedade. Porém, a reflexão que trago aqui, é de que é impensável qualquer revolução social sem uma correta compreensão da realidade objetiva pelos atores que irão construir esse processo histórico, ou seja, o povo. E a arte tem papel fundamental em tornar acessível a correta compreensão da realidade, mesmo que de maneira inicial através de suas formas. Compreendendo tal tarefa histórica da arte, o rap não se acovardou e soube marcar bem as suas posições em face às questões mais urgentes da humanidade, e continua cumprindo seu compromisso mais essencial: a luta por justiça social e por um mundo humanamente digno, que ainda está longe de acabar. E como bem diz o rapper Don L na canção “Primavera”: “a única luta que se perde é a que se abandona e nós nunca, nunca abandonamos a luta”³⁶.

³⁶ PRIMAVERA. Don L, Rael, Giovani Cidreira. São Paulo: Don L Music, 2021.

6. REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Camila, “Meu trabalho é organizar o ódio”, diz Paulo Galo”. Opera Mundi, 27 set. 2021. Disponível em:
<<https://operamundi.uol.com.br/20-minutos/71469/meu-trabalho-e-organizar-o-odio-diz-paulo-galo>>
- AZEVEDO, Reinaldo, Por que um certo Mano Brown é superior a Cristo, Blog do jornalista Reinaldo Azevedo, Veja, 24 set. 2007. Disponível em:
<[https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/7/22/folhateen/23.html](https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/por-que-um-certo-mano-brown-e-superior-a-cristo/#:~:text=Cheiraria%20a%20coisa%20carola%2C%20cafona,%E2%80%9Ccachorro%E2%80%9D%20com%20v%C3%A1rias%20meninas.></p><p>BRASIL TAMBÉM TEM A TURMA DO BEM, Folha de S. Paulo, 22 de jul.1996. Disponível em: <
- CAMISA DE FORÇA. MV Bill. São Paulo: BMG Brasil Ltda, 2002. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=Ezydzo7ex2k>>
- CAPITULO 4, VERSICULO 3. Racionais MC’s. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=YL77FGfkY8&list=OLAK5uy_nXyWjwypr-yMtSmeWyapr9gsaecYZe7rQ&index=3>
- DA PONTE PRA CÁ. Racionais MC’s. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Xe8DN92jtbg>>
- DANÇA DOS FURIOSOS, Veja, 27 jun.1990.
- DOCUMENTÁRIO RACIONAIS MC’S ANOS 90 MTV, 2016. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=ZmOcx47CZ4A&t=1388s>>
- ENTREVISTA COM MANO BROWN. Roda Viva, São Paulo: TV Cultura, 2007. Programa de TV. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=IaQWmNkqkSg&t=100s>>
- ENTREVISTA COM EMICIDA. Roda Viva, São Paulo: TV Cultura, 2020. Programa de TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pDV3SGzV3m4>>
- FERREIRA DA SILVA, Adriana, “Racionais MC’S lançam DVD”, Folha de S. Paulo, 9 fev.2007. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0902200726.htm>>
- GANCIA, Barbara, Cultura de bacilos, Folha de S.Paulo, 16 mar. 2007.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Curso de estética: o belo na arte. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.
- KONDER, Leandro, Os marxistas e a arte: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- LANDIM, Raquel, Quase 28 milhões vivem abaixo da linha da pobreza no Brasil, CNN, 7 out. 2021. Disponível em:
<<https://www.cnnbrasil.com.br/business/quase-28-milhoes-de-pessoas-vivem-abaixo-da-linha-da-pobreza-no-brasil/>>
- LEFEBVRE, Henri, Introdução aos Cadernos Filosóficos de Lênin. LÊNIN, Vladimir Ilitch, Cadernos Filosóficos.São Paulo: Boitempo, 2018)
- LEITE, Fabiane, “Justiça veta vídeo de rap do grupo Facção Central na MTV”, Folha de S.Paulo, 29 jun. 2000. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u1598.shtml>>

LUKÁCS, György, Arte e verdade Objetiva. Tradugindo, 2020. Disponível em: <<https://traduagindo.com/2020/08/11/gyorgy-lukacs-arte-e-verdade-objetiva/>>

LUKÁCS, Georg, Introdução a uma estética Marxista: Sobre a Particularidade como Categoria da Estética. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

LUKÁCS, György, Marx e o problema da decadência ideológica. Anuário Lukács. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich, A ideologia alemã. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MARX, Karl, Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich, Cultura, arte e literatura: textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich, Manifesto do partido comunista. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

O HOMEM NA ESTRADA. Racionais MC's. São Paulo: Zimbabwe Records, 1993. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TySDnkF2kAw>>

OLIVEIRA, Acauam Silvério de. "O evangelho marginal dos Racionais MC's". Racionais MC's. Sobrevivendo no inferno. São. Paulo: Companhia das Letras, 2018.

OLIVEIRA, Roberto Camargos de, Rap e política: percepções da vida social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2015.

PRIMAVERA. Don L, Rael, Giovani Cidreira. São Paulo: Don L Music, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bs5B5VLhqlk>>

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PALMARES ATACA RAPPERS E PEDE CHECAGEM DA "VIDA PREGRESSA", Carta Capital, 17 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/presidente-da-fundacao-palmares-ataca-rappers-e-pede-checagem-de-vida-pregressa/>>

PROFISSÃO PERIGO. 509-E. São Paulo: Atração fonográfica, 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6LUhH7kz2OY>>

RAPPER MACONHEIRO. Sikera Jr. Alerta Nacional: Rede TV!. 2020. Programa de TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3TDBT88smug&ab_channel=SikeraJunior>

RAGGO FILHO, Antonio. A crítica ao idealismo: política e ideologia. Curso livre Marx-Engels: a criação destruidora. Org. José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2015.

RODRIGUES, Apoenan, "Rap ganha vida nova, Jornal do Brasil, 12 de out. 1993.

ROQUE, Isabel, Racionais MC's e o tiroteio cego da mídia, Observatório da Imprensa, 31 jul. 2002. Disponível em: <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/racionais-mcs-e-o-tiroteio-de-cego-da-mdia/>>

SANTOS NETO, Artur Bispo dos, Estética e ética na perspectiva materialista. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

SOBREVIVENDO NO INFERNO. Racionais MC's. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 1997. 1 CD (65 min).

SOLDADO DO MORRO. MV Bill. São Paulo: BMG Brasil Ltda, 1999. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5dN3BdIYnTM>>

TREZE PRODUÇÕES, ROSFORTH, STOCKDOWN, Favela no Ar, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SEgPnm936TE>>

VIDA LOKA PARTE II. Racionais MC's. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002.
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hNHlc7PoIdg>>